

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO**  
**DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO**  
**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – HABILITAÇÃO JORNALISMO**

**BRUNA DE LIMA OLIVEIRA**

**MOBILIDADE E TEMPO REAL: UTILIZAÇÃO DE DISPOSITIVOS MÓVEIS NO  
JORNALISMO AUDIOVISUAL**

**Porto Alegre**

**2014**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO**  
**DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO**  
**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – HABILITAÇÃO JORNALISMO**

**Bruna de Lima Oliveira**

**MOBILIDADE E TEMPO REAL: UTILIZAÇÃO DE DISPOSITIVOS MÓVEIS NO  
JORNALISMO AUDIOVISUAL**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação Jornalismo.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Luciana Mielniczuk

**Porto Alegre**

**2014**

**Bruna de Lima Oliveira**

**MOBILIDADE E TEMPO REAL: UTILIZAÇÃO DE DISPOSITIVOS MÓVEIS NO  
JORNALISMO AUDIOVISUAL**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação Jornalismo.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Luciana Mielniczuk

Aprovado em \_\_\_\_\_ - Conceito Final: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Luciana Mielniczuk

---

Prof. Dr. Carlos Eduardo Franciscato

---

Prof. Dr. Flávio Camargo Porcello

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO**  
**DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO**  
**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – HABILITAÇÃO JORNALISMO**

**AUTORIZAÇÃO**

Autorizo o encaminhamento para avaliação e defesa pública do TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) intitulado Mobilidade e tempo real: utilização de dispositivos móveis no jornalismo audiovisual, de autoria de Bruna de Lima Oliveira, estudante do curso de Jornalismo, desenvolvida sob minha orientação.

Porto Alegre, 23 de junho de 2014

Assinatura:

Nome completo do orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Luciana Mielniczuk

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, pelo incentivo e pela compreensão nos momentos de ausência;

Ao meu irmão, pelo companheirismo e pela ajuda de sempre nas minhas dúvidas acadêmicas;

Ao Guilherme, pelo amor e pela cumplicidade em mais essa etapa vivida juntos;

Às minhas amigas mais próximas, Isa e Luci, pela amizade inabalável. Aos amigos que fiz na Fabico, em especial aos colegas 2010/1, que tornaram esses cinco anos de faculdade muito melhores. À larema, pelos momentos de descontração e pela ajuda neste trabalho;

À minha orientadora, Luti, pela dedicação e pela confiança;

## RESUMO

Esta monografia propõe-se a estudar a utilização dos dispositivos móveis na construção de narrativas audiovisuais jornalísticas. Adotando como metodologia o estudo multicasos de ilustração, realizou-se a análise de nove exemplos de uso de dispositivos móveis em diferentes veículos de comunicação. Verificou-se de que forma a incorporação das tecnologias móveis digitais acontece em relação a processos tradicionais da atividade jornalística, como edição, intervenção do jornalista e veiculação, além de observar a relevância da qualidade técnica das imagens geradas por estes aparelhos na composição dos relatos. Buscou-se, também, averiguar de que forma os casos relacionam-se entre si, identificando os formatos recorrentes e observando aspectos relevantes no processo de construção dessas histórias jornalísticas.

Palavras-chave: Jornalismo; dispositivos móveis; *smartphones*; narrativa audiovisual;

## **ABSTRACT**

This monograph aims to study the use of mobile devices in the construction of journalistic audiovisual narratives. Taking the multicase study illustration as methodology, it was observed, with the analysis of nine examples of using mobile devices in different media, how the incorporation of digital mobile technologies happens compared to traditional processes of journalistic activity. For this purpose we analysed editing, journalistic intervening and broadcasting procedures and it was also observed the relevance that technical quality of images generated by those devices had over the reports' composition. Finally, we also attempted to study how those cases relate to each other, trying to identify the recurring templates and observing what changes in the creative process of those news stories.

Key-words: Journalism; mobile devices; smartphones; audiovisual narrative.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Baixa qualidade técnica indica o uso de dispositivo móvel na cobertura em tempo real.....	48
Figura 2 - Vídeo necessita vir acompanhado de texto de apoio para contextualizar imagens.....	49
Figura 3 - Transmissão via streaming como alternativa de cobertura durante protestos.....	51
Figura 4 - Ao vivo, repórter utiliza telefone celular para atualizar últimas informações.....	52
Figura 5 - Rádios e impressos ampliam produção multimídia com uso de dispositivos móveis.....	53
Figura 6 - Dispositivos são utilizados para registrar flagrantes dos jornalistas.....	54
Figura 7 - Descrição em texto no início do vídeo contextualiza origem das imagens.....	56
Figura 8 - Repórter grava imagens com telefone celular em meio a confronto no Rio de Janeiro.....	56
Figura 9 - Da redação, repórter relata cobertura de manifestação.....	57
Figura 10 - Portando telefone celular, repórter registra movimentação de manifestantes e ação da polícia durante protesto.....	58
Figura 11 - Repórter recolhe depoimentos com telefone celular após explosão de bomba.....	59

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Informações gerais sobre cada caso.....	46
Tabela 2 – Elementos de análise observados nos casos.....	60
Tabela 3 – Incidência de elementos analisados em cada caso observado.....	61

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 A EDIÇÃO NO JORNALISMO.....</b>	<b>13</b>
2.1 TECNOLOGIA E ATUALIDADE NA ATIVIDADE JORNALÍSTICA.....	16
2.1.1 NOVIDADE TECNOLÓGICA: A TELEVISÃO NO BRASIL.....	20
2.2 A EDIÇÃO GRÁFICA.....	23
2.3 A EDIÇÃO EM ÁUDIO.....	25
2.4 A EDIÇÃO AUDIOVISUAL.....	26
2.5 CONVERGÊNCIA TECNOLÓGICA GRÁFICA, SONORA E AUDIOVISUAL.....	28
<b>3 O TEMPO PRESENTE NO JORNALISMO AUDIOVISUAL.....</b>	<b>31</b>
3.1 A CONSTRUÇÃO DO AO VIVO NA TELEVISÃO.....	33
3.2 A PRESSA NA PRODUÇÃO EM TEMPO REAL.....	37
3.3 O TEMPO PRESENTE NA ERA DA MOBILIDADE E DO <i>STREAMING</i> .....	40
<b>4 OS DISPOSITIVOS MÓVEIS NA CONSTRUÇÃO DE CONTEÚDO AUDIVISUAL.....</b>	<b>46</b>
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>65</b>
<b>6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>68</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A difusão das tecnologias móveis neste início de século XXI e o crescente acesso à internet permitem que pessoas, profissionais do jornalismo ou não, transmitam com cada vez mais facilidade acontecimentos em tempo real. Disponibilizados na rede, fotos e vídeos tornam-se registros instantâneos que indicam o testemunho de eventos cotidianos, muitos deles com relevância jornalística. Nesse contexto, algumas concepções anteriores de narrativa audiovisual passam por adaptações e reconfiguram um modelo tradicional de contar histórias jornalísticas.

A popularização da web 2.0 e o barateamento de computadores, câmeras digitais e telefones celulares criam um cenário favorável para que pessoas sem formação jornalística também produzam conteúdos de informação, fazendo-os consumidores que agora também atuam como produtores ativos, sem que para isso sejam necessariamente especialistas.

Do mesmo modo, jornalistas com habilidade para operar câmeras portáteis, ou que simplesmente levem consigo telefones celulares, podem fazer registros audiovisuais a qualquer momento, sem que para isso estejam acompanhados de equipes de suporte técnico ou de um extenso trabalho de produção. Tendo acesso à internet, os repórteres podem veicular as informações diretamente da rua, não sendo preciso voltar às redações para montar e divulgar as matérias. Recebendo poucos recursos de edição, os fatos são compartilhados na rede ao mesmo tempo em que ocorrem, a partir do próprio dispositivo móvel.

O uso das tecnologias digitais móveis contribui para que novas possibilidades de narrar histórias sejam testadas, e diante disso, surge a necessidade de observar o que muda nos processos tradicionais do jornalismo, além de notar o que há de diferente nas narrativas audiovisuais. À medida que o jornalista dispõe de novos equipamentos e ferramentas para capturar imagens e trabalhar estes arquivos, assim como maior liberdade para fazer registros sem grande aparato técnico, surgem também outras maneiras de pensar a construção e a circulação destas narrativas.

Além de registrar um momento de mudanças nos processos do fazer jornalístico em função da utilização das tecnologias móveis, a importância deste trabalho está em observar as adaptações pelas quais o jornalismo audiovisual tradicional vem passando, para então refletir sobre a consolidação de possíveis novas maneiras de narrar histórias, que acompanham o desenvolvimento de uma sociedade conectada por redes digitais.

Diante do exposto, o problema de pesquisa consiste em estudar de que forma o uso de dispositivos móveis é incluído na produção do jornalismo audiovisual, tendo como objetivo geral analisar como a difusão das tecnologias móveis e das novas narrativas interfere nos processos tradicionais do jornalismo. Os objetivos específicos para desenvolver esta análise compreendem: 1) verificar os processos de edição, intervenção do repórter enquanto narrador e entrevistador, veiculação em tempo real e formato de narrativa dos casos estudados; 2) observar se a qualidade técnica interfere na construção da informação; 3) analisar se a cobertura via dispositivos móveis se adapta melhor a determinados tipos de eventos.

O primeiro capítulo discorre sobre a edição jornalística, destacando o percurso social e tecnológico que proporcionou o desenvolvimento das técnicas e do conceito de periodicidade, importantes para consolidar o jornalismo como mediador dos acontecimentos (FRANCISCATO, 2005). Destaca, também, o papel da tecnologia na construção do tempo presente desde o surgimento dos jornais até o desenvolvimento da televisão e da expansão da internet.

No segundo capítulo, o estudo discorre sobre o tempo presente no jornalismo audiovisual, refletindo a construção do “ao vivo” na televisão, bem como a distinção entre tempo atual e tempo real (MACHADO, 2000; FECHINE, 2008). Aborda também a redefinição das rotinas de produção jornalística que surgem com o aperfeiçoamento da tecnologia em tempos de convergência e com base no jornalismo móvel (CALADO, 2013; SILVA, 2008), capaz de modificar tanto a construção da informação quanto a construção do tempo presente.

O terceiro e último capítulo desta monografia apresenta a escolha metodológica e a análise dos casos estudados. A partir de uma metodologia de estudos multicase de ilustração, aplicado pelo Grupo de Estudos em Jornalismo On-line (GJOL), foram selecionados nove exemplos do uso de dispositivos móveis

por veículos de comunicação diversos. Os casos foram selecionados conforme a utilização das novas tecnologias em suas construções e conforme a disponibilidade dos mesmos na rede, sendo importantes por representarem as questões que este estudo aborda e por serem exemplos dessa tendência que desponta no jornalismo.

Por fim, o trabalho traz considerações sobre o que foi observado nos exemplos, indicando que a inclusão dos dispositivos móveis na rotina de produção jornalística se trata, hoje, de uma prática com espaço nos mais variados veículos de comunicação. É uma nova rotina jornalística que reconfigura a maneira de narrar e de veicular as informações, modificando noções tradicionais de edição de conteúdo, de intervenção do jornalista e de apreensão do tempo presente.

## 2 A EDIÇÃO NO JORNALISMO

O processo de edição na atividade jornalística sempre esteve relacionado à tarefa de selecionar e hierarquizar informações. Neste capítulo, pretende-se demonstrar que, embora as técnicas para a viabilização deste processo tenham se modificado juntamente com o desenvolvimento do jornalismo, o trabalho de edição sempre fez parte da narração de histórias e de notícias.

Como em todo conteúdo jornalístico, seja ele impresso, de rádio ou de televisão, as informações veiculadas compreendem um recorte. O profissional que produz uma matéria inclui neste material os dados que ele pôde apreender de determinado evento, não sendo possível fornecer um relato que compreenda a totalidade de um fato. A edição jornalística inicia com a própria escolha sobre o que será notícia, se estendendo, também, para o modo como esta será contada e que aspectos ela privilegiará ou não.

Os primeiros relatos de um começo incipiente da atividade jornalística, ainda nos séculos XVII e XVIII, já dão conta de uma prática, também muito recente, da edição de conteúdos. De acordo com Franciscato (2005), data da segunda metade do século XVII, na Inglaterra, o surgimento das primeiras experiências de produção de conteúdos jornalísticos voltados para o relato de acontecimentos, os *newsbooks*<sup>1</sup>. Foram estas as primeiras experiências de uma publicação com melhor acabamento editorial, tamanho e periodicidade mais definidos, em um contexto histórico de maior necessidade de intercâmbio econômico, político e social.

O relato de eventos por meio do jornalismo sempre implicou em um recorte de tempo, ou seja, em uma marcação que atribuísse ao acontecimento um sentido de início e fim no tempo presente de leitura do público. E o próprio discurso jornalístico produz esta fragmentação dos eventos. Embora seja uma construção narrativa que busque preservar elementos como a contextualização temporal, o recorte jornalístico

---

<sup>1</sup> Segundo Franciscato (2005), a circulação de “corantos”, “newsbooks” e “pamphlets” foram as primeiras experiências de uma produção jornalística europeia entre os séculos XVII e XVIII. Veiculados especialmente na Inglaterra do século XVII, eram responsáveis por trazer informações das Ilhas Britânicas por meio de relatos dos acontecimentos. Ainda com periodicidade irregular, circulavam de Londres para as províncias e utilizavam-se das rotas comerciais da época. A partir da experiência dos “corantos”, os “newsbooks” surgiram a fim de suprir as demandas por notícias de eventos políticos, bem como para se tornar um meio de veiculação da propaganda parlamentar.

mantém uma unidade, aqui entendida como notícia, que constrói um relato a partir de uma visão secundária. Quer dizer: uma notícia é, também, o parecer de um porta-voz sobre determinado assunto que será entendido pelas audiências como uma verdade. O que ocorre é uma mediação entre evento e audiência, com as edições cabíveis que o mediador julgar necessárias, e não se podendo desconsiderar as interpretações que este porta-voz dá. Os formatos discursivos utilizados pelo jornalismo estão relacionados com o ambiente social em que este se concretiza, sendo resultado direto de um desenvolvimento histórico de cultura, economia, política e até mesmo tecnologia. Ao construir relatos, o discurso jornalístico abarca um método de trabalho capaz de coletar informações e processá-las de forma coerente. Trata-se de “um recorte, uma ‘colagem’ ou ‘combinação’ de observação, descrição e interpretação tanto do jornalista quando da equipe de produção e das fontes de informação” (FRANCISCATO, 2005, p. 168).

Além disso, o produto jornalístico está diretamente relacionado à subjetividade do jornalista. Embora se preservem questões como a objetividade dos discursos e o distanciamento perante a variedade de interlocutores que compõe a ocorrência dos eventos, os conteúdos carregam valores e visões de mundo do seu autor. Até mesmo a escolha sobre o que será noticiado e a forma como isso será feito incluem ponderações e uso de técnicas que melhor viabilizem o processo de edição das informações.

A edição é uma das etapas principais no processo jornalístico, seja qual for a sua plataforma. É por meio deste procedimento que se define de que forma as informações serão distribuídas pelas páginas de um jornal impresso, ou que trechos de um material bruto serão veiculados no rádio, na televisão e na internet. Em uma redação jornalística, onde vários profissionais participam do processo de produção do conteúdo informacional, a figura do editor funciona como a peça responsável por encaixar de maneira coerente o material produzido. É o editor quem define a distribuição das notícias ao longo da página, telejornal ou radiojornal, além de procurar expor, de forma lógica e contextualizada, reportagens, notícias, fotos, imagens, comentários e demais informações completas.

Nas diferentes mídias em que o jornalismo atua, cada publicação trabalha com a ideia de um projeto editorial definido, onde ficam determinados os assuntos a

serem veiculados, a visão com que serão abordados e ainda um projeto gráfico que inclua toda a identidade visual preservada pela publicação. No jornalismo impresso, o projeto gráfico determina desde o tamanho das edições até o uso de cores, a disposição de texto e imagens na página e um estilo padrão de capa. Já em televisão, a identidade visual envolve desde a escolha do cenário até o estilo de gráficos, animações, imagens e elementos de legenda, como os geradores de caracteres. Tanto no impresso quanto no rádio, na televisão e na internet, os assuntos são agrupados em editorias, ou seja, em seções que indiquem proximidade de acordo com os seus temas e organizem a variedade de informações.

Embora o procedimento seja em grande parte técnico, a edição também inclui elementos da subjetividade do jornalista, que expressam, por exemplo, o enfoque editorial de determinada publicação. Após uma seleção prévia na oferta de acontecimentos que podem ou não se transformar em uma notícia, a edição é a responsável por definir de que forma este relato será transformado em uma narrativa. Assim, para que o trabalho jornalístico torne-se viável diante da infinidade de temas a serem discutidos e veiculados de acordo com questões de instantaneidade e demanda pública, o jornalismo cria seus próprios critérios de seleção. O processo de edição é, portanto, ao mesmo tempo objetivo e subjetivo, pois compreende desde a percepção, por parte do profissional, dos interesses das audiências, até a publicação destes conteúdos conforme a linha editorial da instituição e os valores-notícia<sup>2</sup> considerados pela mesma.

Nelson Traquina (2004) registra algumas das teorias que ajudam a refletir como é feita a seleção e a classificação das notícias no jornalismo. O autor traz a teoria do *gatekeeping*<sup>3</sup>, criada na década de 1950 por David Manning White. Nela, a

---

<sup>2</sup> Valores-notícias são valores subjetivos que definem a importância de um acontecimento ser noticiado ou não. Wolf (apud Traquina, 2002) estabelece uma distinção entre valores-notícias de seleção e valores-notícias de construção. Para o autor, os valores-notícias de seleção são aqueles que se referem aos critérios que o jornalista estabelece para selecionar acontecimentos, sendo eles subdivididos em critérios subjetivos, que dizem respeito à avaliação dos acontecimentos em termos de importância como notícia e em critérios contextuais, que se referem ao contexto de produção das notícias. Valores-notícias de seleção subjetiva e contextual podem incluir diversos valores como notabilidade, notoriedade, proximidade, tempo, entre outros. Já os valores-notícia de construção envolvem os critérios levados em conta durante a elaboração de uma notícia, incluindo valores como relevância, dramatização, amplificação, personalização e consonância.

<sup>3</sup> Para criar a teoria do *gatekeeping*, White se baseou em uma pesquisa sobre a atividade de um jornalista em um jornal norte-americano, o Mr. Gates, que anotou durante uma semana os motivos que o levaram a rejeitar algumas notícias. As decisões do jornalista pela não escolha eram essencialmente subjetivas.

produção de informações é entendida como uma série de escolhas onde a oferta de notícias deve passar por diversos “*gates*”, ou seja, “portões”, que neste caso correspondem às decisões às quais o jornalista, isto é, o *gatekeeper*, tem de tomar para escolher ou não uma notícia. A conclusão que White chegou ao pensar a teoria do *gatekeeping* foi que o processo de seleção é subjetivo e arbitrário, e que as decisões do jornalista dependem de um conjunto de juízos de valor. Dessa forma, as notícias estariam diretamente relacionadas aos jornalistas e às suas intenções.

A discussão sobre objetividade e subjetividade no jornalismo é antiga. Ainda que se saiba que a dicotomia entre ambas é muito simplista, como levanta Nelson Traquina (2002), se sabe também que a objetividade não surgiu para negar a subjetividade. A noção de objetividade surge no jornalismo porque os fatos por si só são subjetivos, fazendo-se necessário que a produção de notícias seja planejada com procedimentos próprios para que haja um rigor na forma como os acontecimentos serão transformados em conteúdo jornalístico. Quando o jornalismo opinativo passou a ser substituído pelo factual, na virada do século XIX para o XX, as técnicas de escrita como o *lead* e a pirâmide invertida se desenvolveram a fim de trazer para a atividade um método que priorizasse a rapidez na descrição objetiva dos fatos.

O entendimento da coexistência de inúmeros eventos simultâneos não se dá de maneira essencialmente harmônica. O trabalho do jornalista surge como uma forma de tornar a compreensão deste espaço mais inteligível para o leitor, ao criar relações diversas entre os eventos e ao enquadrá-los em espaços específicos de temática, temporalidade ou novidade. Quer dizer, entre uma variedade infindável de acontecimentos, a edição jornalística surge de forma a organizar a multiplicidade de informações, nem que para isto precise agrupar os eventos de acordo com suas proximidades de tema ou ocorrência, ou ainda criar seções para tal. Assim, a edição jornalística nada mais é do que “costurar” e encadear notícias de modo que estas tenham um sentido para o entendimento das audiências.

## 2.1 TECNOLOGIA E ATUALIDADE NA ATIVIDADE JORNALÍSTICA

As inovações tecnológicas experimentadas entre os séculos XVIII e XIX tiveram um importante papel para que o jornalismo se desenvolvesse. As máquinas de impressão e o ritmo industrial facilitaram para que as notícias pudessem circular entre diversas pessoas e distâncias. A revolução nos sistemas de transporte e também nos sistemas de informação, como o aperfeiçoamento do serviço postal, inauguraram uma nova concepção de velocidade e redução no tempo de circulação de notícias, pessoas e serviços. Da mesma forma, a invenção do relógio mecânico, esta ainda no século XVII, introduziu no contexto social a concepção de tempo e a sua mensuração. Era a criação de uma ideia moderna de tempo na sociedade, nunca antes vivida, e que viria a influenciar também a atividade jornalística nos seus processos de produção e edição da notícia.

Entre o fim do século XIX e o início do século XX, a invenção de equipamentos como o telégrafo e o telefone trouxe, novamente, outra perspectiva para o jornalismo, como a possibilidade dos profissionais incluírem novas tecnologias nas suas rotinas de trabalho. Via-se o começo de uma noção de instantaneidade, já que a possibilidade de se obter notícias vindas de lugares distantes, em menores espaços de tempo, aumentava a receptividade das informações por mais pessoas e num mesmo momento (FRANCISCATO, 2005; SOUSA, 2008). Em seguida, o advento do rádio, já no século XX, também surgiu como agente facilitador da regularidade de circulação e de caráter recente das notícias. É importante destacar que, já nesta época, os profissionais de imprensa precisavam ter habilidade com a técnica e o manuseio dos equipamentos para a execução de seus trabalhos.

Além do papel fundamental do telégrafo, do telefone e do rádio na transmissão de conteúdos apurados, o linotipo e, mais adiante, a máquina de escrever também configuraram outras importantes transformações no jornalismo. O primeiro por possibilitar uma melhor edição do conteúdo no espaço que lhe era destinado, inaugurando um grande avanço nas técnicas de diagramação de páginas. Já a segunda, por permitir maior rapidez para redigir os textos e por deixá-los mais legíveis. E assim como o telefone, a introdução destas duas novas tecnologias também enfrentou resistência nas redações dos jornais. Contudo, foi com o aperfeiçoamento da técnica de trabalho que se fez possível o surgimento das primeiras agências de notícias, e ao mesmo tempo, a aceleração da produção de

conteúdos, resultando em um crescimento da captação de informações de diferentes distâncias (cobertura de eventos e envio de relatos) e uma maior divisão do trabalho.

Segundo Franciscato (2005), a aceleração do ritmo de vida urbano, juntamente com o surgimento de uma “consciência do tempo” – possibilitada pela invenção dos relógios de bolso e de parede, bem como por uma maior rotinização e padronização do tempo em espaços públicos e privados, como a pontualidade dos meios de transporte e das atividades industriais, trouxe consequências importantes para o modo de produção nos jornais. Além disso, o surgimento do *lead*, um parágrafo inicial rápido que resume o relato e fragmenta o texto em pequenos trechos, foi um reflexo direto do uso do telégrafo no envio de informações e na mudança de padrão do texto jornalístico:

Isso aconteceu porque o envio de informações através do telégrafo era caro e nem sempre fiável (as ligações podiam cair de um momento para o outro), pelo que os jornalistas se habituaram, nos seus textos, a serem factuais e a dispor a informação no sentido da mais importante para a menos importante, para garantirem que à sede chegaria sempre a informação mais importante. (SOUSA, 2008, p. 117)

A urgência pela publicação de notícias cada vez mais atuais exigiu do jornalismo uma adequação da circulação das produções ao ritmo diário da vida nas grandes cidades, acelerado pela revolução industrial. Historicamente, a primeira periodicidade do jornalismo se deu semanalmente, evoluindo, por conseguinte, para a diária e, ainda mais adiante, para a circulação em jornais matutinos e vespertinos. A adequação aos hábitos dos leitores e a acirrada concorrência entre os jornais levaram à circulação das publicações “extras”, surgidas por volta de 1840 em Nova Iorque, que traziam atualizações de notícias já publicadas e informações de última hora (FRANCISCATO, 2005). Era o aumento da velocidade no ritmo de produção de notícias e a urgência no relato de eventos recentes como um fator de concorrência entre os jornais.

Ainda dentre as mudanças ocorridas no jornalismo neste contexto histórico de inovações tecnológicas, destaca-se também o surgimento da entrevista jornalística em meados do século XIX, nos Estados Unidos. Neste aspecto, a edição de conteúdo passa a adquirir maior autonomia e consciência por parte dos profissionais

da imprensa, que passam a entender melhor o seu papel na profissão e a ousar em diferentes modos de se construir os discursos:

O aparecimento da entrevista jornalística coincide com o surgimento do repórter como um trabalhador relativamente autônomo que, de forma autoconsciente, alcança uma identidade ocupacional (...) Cronologicamente, as notícias deram lugar ao lead sumário e à estrutura de pirâmide invertida, que exigiam do repórter fazer um julgamento sobre que aspecto do evento coberto importava mais. (...) Nestes casos, jornalistas demonstravam a si mesmo serem não retrotransmissores de documentos e mensagens, mas intérpretes legítimos das notícias, hábeis para escrever não somente sobre o que eles, como qualquer observador, podem ver e ouvir mas também sobre o que não é ouvido, visto ou intencionalmente omitido. O lead sumário e a entrevista ampliaram o campo de ação e a esfera de discricção dos repórteres. Eles ajudaram a fazer do repórter um tipo público visível, mesmo ocasionalmente uma celebridade, por todo o século (SCHUDSON apud FRANCISCATO, 2005, p. 96).

Se, no século XVI, a introdução da impressão mecânica fez com que as notícias circulassem de maneira menos informal e com maior velocidade de circulação dos jornais, os fatores tecnológicos do século XIX impulsionaram ainda mais as transformações na imprensa, essencialmente nos modos de produção e edição, mesmo que não tenha havido uma evolução de forma linear. A interferência dessas inovações no trabalho jornalístico colaborou para o aumento da velocidade e da intensidade das informações transmitidas (SOUSA, 2008).

A oferta de notícias e jornais disponíveis inaugurou também uma cultura simbólica na sociedade. Consumir notícias refletia um desejo de se manter bem informado e apto para as discussões e debates públicos acerca do contexto político, cultural e econômico das cidades. Além de informação, os jornais davam aos leitores “um sentido de movimento em um mundo mais amplo” (FRANCISCATO, 2005, p.76). Assim, diz o autor, a “cultura do tempo presente” surge em um momento em que a novidade, a originalidade e a simultaneidade fazem parte da experiência social através de novos hábitos e sentidos de temporalidade que são inseridos na sociedade moderna. Graças ao desenvolvimento das tecnologias de transmissão, a “cultura do presente” tornou possível vivenciar vários eventos distantes simultaneamente. O surgimento dos jornais neste período (que se refere aos séculos XVIII e XIX, na Europa Ocidental e nos Estados Unidos) colaborou, junto com outras referências culturais, para uma maior noção de temporalidade na sociedade. Todo

este ambiente cultural de vida moderna movida pela novidade, pelo culto à inovação e ao futuro se tornava propício para um sentido de urgência, de ânsia pelo agora.

Sugerimos então que o jornalismo, ao oferecer conteúdos e modos de interação social com forte acento temporal para o presente, contribuía para a construção de referências que permitiriam compor uma concepção do que é presente na vivência pública (FRANCISCATO, 2005, p. 79).

O jornalismo passa, assim, a se consolidar como um mediador entre os acontecimentos do mundo e a urgência de suas audiências por notícias. A velocidade entre a ocorrência de um evento e a produção do discurso jornalístico sobre este acontecimento se torna importante para que o sentido de tempo nas notícias não se perca do tempo do mundo, não havendo um desencaixe entre esse o tempo da produção jornalística. Neste aspecto, a tecnologia se torna uma aliada da comunicação ao romper barreiras que dificultam a distribuição instantânea de informações.

### 2.1.1 NOVIDADE TECNOLÓGICA: A TELEVISÃO NO BRASIL

As mudanças sociais e tecnológicas ocorridas até então facilitaram para que o jornalismo se consolidasse como uma atividade e adquirisse um papel importante na experiência social do tempo presente. Entretanto, novas transformações técnicas ocorridas a partir do século XX voltaram a diversificar as produções e as organizações midiáticas. Uma delas foi o surgimento da televisão, que, no Brasil, data do ano de 1950. Inaugurada em São Paulo, através da TV Tupi-Difusora, embrião da Rede Tupi, a televisão brasileira teve um início bastante precário em termos técnicos. Nesta fase inicial, era caracterizada pelo imprevisto, pela pouca disponibilidade de aparelhos receptores e pela concepção de uma nova linguagem (BARBOSA, 2010). Contudo, dentro do que a tecnologia da época permitia, seus primeiros anos foram de bastante experimentação, inclusive artística. Dos equipamentos, não se podia exigir muito além de manter o canal no ar, enquanto as equipes de operação tentavam trazer seus conhecimentos adquiridos no rádio para dentro da tela. Mesmo com todas as dificuldades, o primeiro telejornal brasileiro foi

levado ao ar ainda em 1950 e também pela TV Tupi, com o nome de “Imagens do Dia” (BISTANE; BACELLAR, 2005).

A característica fundamental dos primeiros anos da televisão é a sua transmissão essencialmente ao vivo. Com poucas horas de exibição diária, geralmente das 18h às 22h, o chamado horário nobre, a programação versava da dramaturgia ao noticiário, e, quando possível, com a presença de um auditório. Nesta época, os telejornais já eram constantes na programação, mas ainda destituídos de uma linguagem própria e comumente adaptados dos noticiários de rádio. As matérias produzidas fora dos estúdios eram realizadas com câmeras de cinema, já que os equipamentos próprios de televisão da época eram ainda muito grandes e pesados, o que não permitia agilidade nas coberturas diárias. Foi só na próxima década, com o início da utilização do videoteipe por algumas emissoras, que a televisão passou a dar grandes passos para a constituição de uma linguagem originalmente televisiva, mesmo que os equipamentos ainda não permitissem grandes opções de montagem e edição.

Nos anos 1960, as novidades tecnológicas de fato permitiram um maior alcance da informação, consolidando a televisão como o mais importante veículo de comunicação da época. Os investimentos governamentais, vindos do Fundo Nacional de Telecomunicações e gerenciados pela Empresa Brasileira de Telecomunicações, a EMBRATEL, facilitaram a compra de aparelhos receptores e a expansão da televisão. A programação das emissoras passou a contar oficialmente com o videoteipe, o VT, utilizado pela primeira vez na inauguração de Brasília, em abril de 1960 (BISTANE; BACELLAR, 2005). O uso do videoteipe possibilitou não somente que as produções artísticas fossem impulsionadas, como as novelas, como também permitiu a implantação de uma estratégia de programação (MATTOS, 2010). Em 1969, a TV Globo experimentou um novo formato de telejornal com a estreia do seu mais importante noticiário, o Jornal Nacional, com o compromisso de manter uma transmissão em tempo real e do “agora”. O surgimento das telenovelas, também neste período, representou a consolidação do gênero televisivo com o seu público ao inovar em uma linguagem coloquial e ao aproximar as histórias à realidade brasileira.

Além de inaugurar a exibição de uma programação a cores, oficialmente em 1972, com a transmissão da Festa da Uva de Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul, a década de 1970 também foi importante para o aperfeiçoamento das transmissões via satélite (BARBOSA, 2010). Com esta nova tecnologia era possível encurtar distâncias e reduzir o tempo de recepção das informações, tornando-se possível uma veiculação com imediatismo de diferentes partes do mundo. Além disso, os novos equipamentos permitiam que efeitos técnicos fossem utilizados juntamente com o videoteipe. Agora, os programas podiam ser pré-gravados e editados posteriormente, sem que se perdesse a marca registrada do tempo presente da televisão. As gravações eram produzidas nas mesmas circunstâncias dos programas ao vivo, preservando suas características e seu discurso. Nos programas de esporte, pela primeira vez puderam-se experimentar os efeitos de *replay* e *slow motion*, então revolucionários para as transmissões da época.

Dentre os aspectos técnicos, a novidade na década de 1980 para a televisão brasileira foi o surgimento dos aparelhos domésticos de videocassete e da comercialização das fitas VHS, que continham filmes, shows e programas de televisão gravados. A popularização do videocassete doméstico e a expansão da produção independente de vídeo tornava possível que o próprio público criasse seus vídeos e gravasse a programação que desejasse ver fora da grade fixa de horário. Também foi nesta década, precisamente em janeiro de 1984, que a televisão brasileira viveu uma das mais importantes de suas coberturas, a transmissão ao vivo do comício das Diretas-já, em São Paulo, realizada pela TV Cultura (BISTANE; BACELLAR, 2005).

A partir do surgimento gradativo de tantas novas tecnologias, foi nos anos 1990 que a linguagem televisiva ficou mais próxima do formato veiculado hoje. Com a criação da televisão interativa, os telespectadores podiam opinar e participar da programação através de fax e telefone, inclusive com entrevistas realizadas ao vivo. A TV aberta ampliou seu número de emissoras, ao passo em que também se pôde observar o desenvolvimento da TV por assinatura, tornando a programação ainda mais segmentada e focada nos interesses da audiência. As grandes coberturas em tempo real aproximavam o público aos eventos, buscando superar ainda mais as diferenças entre o tempo de acontecimento dos fatos e o tempo de produção jornalística, dado ilustrado pela estreia, em 1996, de um canal 24 horas de notícias

veiculado pela TV a cabo, o Globonews. Além disso, a possibilidade de exibir materiais gravados, editados sem que se perdesse a ideia do ao vivo, ampliava a oferta de programas transmitidos e notícias veiculadas. No fim da década, o “Fantástico”, da TV Globo, foi o primeiro programa a ser transmitido simultaneamente ao vivo e pela internet (BISTANE; BACELLAR, 2005). De lá para cá, assistir televisão diretamente pela rede se torna cada vez mais comum.

## 2.2 A EDIÇÃO GRÁFICA

Embora a prática de edição seja aplicada em todas as mídias, cada veículo de comunicação possui sua linguagem própria para estruturar texto, som e imagem. Nos jornais impressos, as páginas são editadas conforme a hierarquização das notícias e a distribuição das fotografias. A capa de um jornal tem a função de apresentar todo o conteúdo da publicação, e por isso reserva espaço para os textos de chamada e para as notícias sobre os fatos de maior destaque como uma propaganda de sua edição completa. Como a variedade de assuntos abordados em uma publicação é grande, a edição cumpre ainda com a tarefa de organizar as notícias por temáticas. As seções, ou editorias, agrupam notícias de acordo com a proximidade de tema dos eventos, situando o leitor na sua leitura e em uma possível associação entre as notícias.

A edição de um produto impresso precisa atender para a importância de o leitor saber reconhecer e entender o conteúdo registrado nas páginas de um jornal. Alguns elementos característicos de uma publicação jornalística, bem como o formato convencional atribuído a este tipo de produto ao longo de sua evolução, devem ser preservados para que, ao folhear as páginas, o leitor esteja ciente do material que tem em mãos e do tipo de conteúdo que pode encontrar ali. A fim de estabelecer o que seria um padrão de como organizar as informações dentro de uma publicação gráfica e através disto prender a atenção do leitor, Erbolato (1978) sugere algumas regras, em um processo que chama de legibilidade. Com essas regras, o autor enumera procedimentos de edição que tornariam os textos de um jornal legíveis e compreensíveis, constituindo um manual de redação jornalística.

Dentre as 26 regras sugeridas<sup>4</sup>, dividir as matérias em parágrafos, destacar informações, evitar erros de revisão e utilizar intertítulos e recursos visuais são alguns exemplos de recursos de edição mencionados pelo autor para garantir uma leitura fácil e compreensível.

Além do conteúdo em texto, os jornais utilizam ainda recursos gráficos visuais, como as imagens. Elas podem ser fotografia, charge, ilustração, infográfico, ou qualquer outro tipo de representação com a finalidade de fixar ou acrescentar informações. Associadas a um texto e identificadas por legendas de dados complementares ou créditos, elas se tornam parte integrante das matérias.

Outro elemento importante na edição de conteúdo impresso é a adoção de um projeto gráfico definido. O tipo de letra, a disposição de texto e imagem na página, a utilização de cores e os formatos dos títulos são alguns dos itens responsáveis por tornarem a publicação padronizada, de forma que a cada exemplar o leitor saiba reconhecer o jornal que está lendo. Com a modernização de equipamentos de edição, a disponibilidade de recursos e o crescimento da internet, os jornais buscam cada vez mais inovar os seus projetos gráficos, de forma que as publicações estejam mais próximas do tipo de leitura que os leitores passam a realizar. Procurando preservar uma maior leveza estética dos jornais atuais, as edições tendem a conter blocos menores de textos e publicações reduzidas, embora

---

<sup>4</sup> São elas: 1- As matérias serão divididas em parágrafos; 2- Não compor trechos exclusivamente em maiúsculas, porque são de difícil leitura; 3- Usar papel e tinta de boa qualidade; 4- Empregar tipos de corpo oito para cima. As pessoas de idade dificilmente leem os de tamanhos menores; 5- Não interromper a notícia, continuando-a em outra página; 6- Evitar as letras enfeitadas e góticas, mas escolher as mais simples e comuns, que possam ser lidas rapidamente; 7- Não adotar colunas muito largas. As composições devem ter no máximo 15 centímetros (horizontalmente). Lê-se com mais facilidade uma notícia de jornal, do que as páginas de um livro; 8- Deve haver combinação adequada entre a cor do papel e a da tinta; 9- Colocar intertítulos na matéria. Evita-se a monotonia do texto e há pausa na leitura; 10- Adorar a composição sangrada (ou com claros). Deixa-se um espaço em branco, do lado esquerdo, ou direito, ou em ambos; 11- Se houver necessidade de destacar uma ou várias palavras no texto, não usar as maiúsculas, mas preferir o negrito e o grifo, em minúsculo; 12- Além de períodos breves, empregar palavras curtas; 13- Evitar os lugares-comuns; 14- Pouquíssimos adjetivos. Somente quando necessários, para amenizar a estrutura da frase; 15- Empregar termos de uso corrente; 16- Se tiverem que ser usadas palavras técnicas ou estrangeiras, dar a explicação logo a seguir. Caso contrário, o leitor não entenderá a frase, irritar-se-á e poderá até desistir de ir até o final da matéria; 17- O redator deve ser positivo e não negativo. Fazer, quanto possível, afirmações e não negações no texto; 18- Redigir no estilo direto; 19- Colocar o verbo, sempre que possível, na voz ativa; 20- Evitar erros de revisão; 21- Emendas corretas, para que os textos não sejam truncados; 22- Usar ilustrações e exemplos gráficos. Além de darem vistiosidade às páginas, ajudam a compreender o que foi escrito; 23- Escrever uma só palavra em lugar de duas, duas em lugar de três, três em lugar de quatro e assim por diante; 24- Procurar intensidade e propriedade e não quantidade de palavras; 25- Empregar sinônimos ou termos equivalentes, em lugar de repetições; 26- Será conveniente também que os jornais adotem *dobras* que facilitem o manuseio dos exemplares; (ERBOLATO, 1978).

com a preocupação constante de não permitir que uma tendência gráfica afete a qualidade dos conteúdos.

### 2.3 A EDIÇÃO EM ÁUDIO

Da mesma forma como acontece com a produção jornalística gráfica, a edição em áudio, desta vez na atividade radiofônica, também possui particularidades referentes ao seu meio. No rádio, diferentemente de outras mídias como o jornal impresso, a televisão e a internet, o som é o único recurso comunicacional. Esta particularidade faz com que a edição do áudio necessite ser precisa ao montar conteúdos enxutos e didáticos, de forma que o ouvinte não enfrente dificuldades em compreender o tema sobre o qual se fala independentemente do momento da transmissão em que este ligar o rádio. Assim, a edição em áudio tem a finalidade de relatar um fato jornalístico através de uma sequência organizada de sonoras (BARBEIRO; LIMA, 2001), encaixando entrevistas, vinhetas e intervenções dos locutores. Klöckner (2006) diz que é notório que a edição elimina trechos dos depoimentos coletados, mas que esse processo não pode interferir no sentido do que foi dito pelo entrevistado. O ideal, segundo ele, seria que as entrevistas fossem veiculadas sem a necessidade de cortes. Entretanto, sabe-se que a figura do editor e o papel da edição são fundamentais para que as transmissões não se tornem massivas e complicadas.

Alguns aspectos da edição em rádio, como o tipo de abertura e o uso ou não de trilhas musicais, variam de acordo com o tipo de programa veiculado. Mas, em geral, algumas características do meio radiofônico se mantêm em todas as transmissões, como a utilização de uma linguagem simples e coloquial, que aproxime o ouvinte, e a repetição de informações importantes, para despertar a atenção e situar quem começou a ouvir determinado programa com a transmissão já em andamento. No rádio, as notícias também são agrupadas de acordo com o assunto que tratam, criando uma noção de proximidade entre as informações trazidas em cada bloco. Sobre as entrevistas que compõem grande parte do material radiofônico, Barbeiro e Lima (2001) consideram razoável o tempo de 30 segundos

para cada sonora veiculada, mas é claro que há exceções quando se tratam de assuntos importantes ou declarações polêmicas. Além do valor informativo, é necessário que as sonoras possuam qualidade técnica para ir ao ar, pois é preciso clareza para que o ouvinte entenda de uma só vez o que está sendo dito. Do mesmo modo, o texto para ser lido ou falado no rádio deve ser editado de forma a conquistar o ouvinte. O texto da cabeça, ou *lead*, precisa ser interessante o suficiente para que a atenção de quem o ouça permaneça também ao longo da reportagem. Por fim, para reiterar a informação principal, a edição deve encerrar com uma nota pé que acrescente um dado novo e relembre o nome dos entrevistados ao final (BARBEIRO; LIMA, 2001).

Ainda segundo os autores, o rádio enquanto veículo de comunicação sofreu três grandes momentos desde a sua invenção: sua propagação pelo mundo, o advento da televisão e o desenvolvimento da internet. Nessas circunstâncias, o rádio enfrentou modificações profundas, e ainda hoje precisa buscar formas de se reinventar para poder competir com uma comunicação cada vez mais multimídia. Com a maior difusão da informática nos dias atuais, o processo de edição em áudio pode experimentar novos recursos de montagem, efeitos de sonoplastia e até de transmissão, que passa da analógica para a digital. Com a tecnologia de poder montar uma programação essencialmente com a ajuda de um computador, a edição adquire maior controle sobre o material veiculado, ao passo em que o processo se torna mais dinâmico e de fácil intervenção quando se faz necessário incluir informações atualizadas, alterar ordem de arquivos ou mesmo mudar os rumos de uma transmissão. Além disso, os ouvintes têm agora a possibilidade de ouvir rádio também pela internet, ampliando o alcance das emissoras.

## 2.4 A EDIÇÃO AUDIOVISUAL

Em televisão, o maior produto de um telejornal são as reportagens. A reportagem televisiva é um relato que se baseia no testemunho de fontes, nas imagens e no trabalho do jornalista para a construção de uma narrativa linear e com sentido. O formato tradicional de uma reportagem de televisão é composto por *off-*

passagem-sonora, em que: *off*<sup>5</sup> é o texto gravado pelo repórter ou apresentador para ser editado junto com as imagens da reportagem; *passagem*<sup>6</sup> é o momento em que o repórter aparece na matéria, assinando o trabalho e trazendo informações novas que acrescentem e valorizem a reportagem; e sonoras são as entrevistas, os depoimentos recolhidos dos entrevistados;

Para que configurem uma reportagem televisiva e se tornem compreensíveis de acordo com o assunto que abordam, os elementos que compõem a matéria necessitam de um encadeamento, que é possibilitado pelo recurso da edição. Em televisão, construir uma reportagem é como montar uma história de acordo com o material que se tem, mas sempre explorando o poder das imagens. O objetivo da edição é tornar o material produzido uma narrativa com começo, meio e fim, de fácil entendimento e com uma associação lógica para o público telespectador. Do mesmo modo, o texto de uma reportagem televisiva também deve ser simples para a compreensão de todos os públicos. Ou seja, deve ser claro, conciso e objetivo, além de estar de acordo com aquilo que mostram as imagens. Assim, a edição é também a sensibilidade do jornalista em fazer a união entre som e imagem levar ao ar uma informação que seja fácil de ser compreendida (BARBEIRO; LIMA, 2002).

Em uma narrativa audiovisual, a edição compreende o processo de montagem em que a notícia ganha forma de uma reportagem jornalística. A partir da escolha das imagens captadas, bem como a definição dos cortes das sonoras e das emendas encaixadas pelos *offs*, o trabalho de edição constrói uma narrativa que representa uma história coerente. Como em televisão o grande recurso são as imagens, a produção de um conteúdo jornalístico televisivo procura sempre encontrar os melhores ângulos para provar que os fatos narrados aconteceram e chamarem a atenção dos telespectadores. Dessa forma, a edição ajuda a dar ênfase aos momentos que melhor contam uma história.

Nos telejornais, as sonoras que compõem uma reportagem costumam ser de no máximo 20 segundos (BARBEIRO; LIMA), entretanto, o tempo de uma reportagem televisiva sempre vai depender da força das imagens e da sua importância jornalística do fato. Esta estrutura de narrativas geralmente curtas, mas

---

<sup>5</sup> Ver BISTANE; BACELLAR, 2005, p. 198.

<sup>6</sup> Ver BISTANE; BACELLAR, 2005, p. 23.

editadas com sentido, são capazes de dar ritmo aos telejornais sem que se tornem programas maçantes para o telespectador.

A edição individual de cada matéria, a escolha das reportagens a serem veiculadas e a distribuição delas em blocos não seguem regras arbitrárias, mas costumam adotar um padrão de acordo com as escolhas editoriais de cada veículo de comunicação. Nestes casos, o objetivo da edição é encontrar uma continuidade narrativa que seja característica de determinado programa e de fácil reconhecimento para o público telespectador, além de criar encadeamentos lógicos entre os sons e as imagens que compõe a história. Já que não é possível mostrar na íntegra tudo o que foi gravado pelas equipes de reportagem, o desafio da edição é manter uma unidade simples e sintetizada dos acontecimentos.

Na linguagem televisiva, o jornalismo cria as suas narrativas a partir de imagens que representam a realidade. Os enquadramentos definidos pelo trabalho jornalístico a partir das imagens captadas diretamente da ocorrência dos fatos constroem os acontecimentos e legitimam a sua importância ao serem veiculados. Assim como quando surgiram os jornais, em que a imprensa passou a assumir um importante papel para com as suas audiências de lhes servir como uma janela para os acontecimentos do mundo, o telejornal também funciona como um lugar de referência para questões do cotidiano e para a assimilação do público com o tempo presente. Ao apresentar as notícias de uma maneira sistematizada, com periodicidade definida e estilo padronizado, as narrativas veiculadas pela televisão constituem um ambiente simbólico para a construção de noções tanto do tempo presente quanto dos acontecimentos.

## 2.5 CONVERGÊNCIA TECNOLÓGICA GRÁFICA, SONORA E AUDIOVISUAL

A preferência por utilizar neste trabalho os termos gráfico, sonoro e audiovisual para se referir ao jornalismo impresso, radiofônico e televisivo, respectivamente, se deve ao fato de os três suportes experimentarem atualmente um processo de convergência a partir do uso da internet. Esta nova mídia é capaz de abranger texto, som e imagem em um único produto multimídia, que concentra a

melhor característica de cada meio de comunicação anterior para compor um novo formato.

Ainda não se pode dizer se um rearranjo desses meios pode trazer uma ruptura ou se simplesmente algumas características serão potencializadas ao serem utilizadas de uma nova forma. Boldós (2002) diz que, assim como os meios tradicionais desenvolveram suas linguagens próprias, a internet e o jornalismo desta nova era também vêm passando por este processo, desenvolvendo o que ela chama de linguagem múltipla. Nessa nova linguagem, além de texto, áudio e vídeo serem trabalhados juntos, ainda pode-se contar com a interatividade possibilitada pela internet. Nos seus primeiros passos, o jornalismo feito para o ambiente digital careceu de uma linguagem própria do meio, fazendo na maior parte das vezes uma mera transposição do conteúdo escrito para os sites de notícias. Neste novo contexto, o hipertexto surgiu e passou a ser utilizado pela novidade de promover uma leitura que não necessariamente seja sequencial e que muito se relaciona com a capacidade humana de relacionar ideias e fatos diferentes (BOLDÓS, 2002). Com essa possibilidade inaugurada pela rede, o acesso a diferentes arquivos de diferentes formatos amplia a quantidade e a qualidade de informações que podem ser exploradas em único conteúdo. A autora acrescenta:

Assim, graças às possibilidades de armazenamento e recuperação de informações fornecidas pela rede, pode-se manejar de uma só vez os diferentes elementos de informação: uma conquista para a sociedade como a nossa, onde a documentação torna-se um instrumento de trabalho de grande importância em todos os assuntos, e essencial para o exercício do jornalismo. (BOLDÓS, 2002, tradução livre).<sup>7</sup>

A influência da internet nos meios de comunicação tradicionais implica que até mesmo essas mídias inovem na apresentação dos seus conteúdos. Os jornais impressos, por exemplo, cada vez mais investem em projetos gráficos que tornem a leitura das páginas uma atividade mais leve, reforçando o uso de textos mais curtos, espaços em branco e maior utilização de cores e fotografias. Da mesma forma, o

---

<sup>7</sup> “De este modo, y gracias a las posibilidades de almacenamiento y recuperación de la información que ofrece la red, se pueden manejar a la vez los diferentes elementos de una información: todo un logro para una sociedad como la nuestra en la que la documentación se ha convertido en un instrumento de trabajo de enorme importancia en todas las materias, e indispensable para el ejercicio del periodismo” (BOLDÓS, 2002).

rádio e a televisão também buscam maneiras de se adequar a um novo consumidor de notícias, optando por programações mais dinâmicas e interativas, disponibilizando seus conteúdos na rede e explorando novas ferramentas de produção, edição e exibição. A influência da internet nessas mídias, essencialmente a audiovisual, serão trabalhadas neste trabalho mais adiante.

### 3 O TEMPO PRESENTE NO JORNALISMO AUDIOVISUAL

A regularidade na oferta de notícias que se consolidou a partir de uma periodicidade diária inaugurada no século XIX reforçou ainda outros dois marcos discursivos no jornalismo. Segundo Franciscato (2005), seriam a temporalidade expressa na enunciação dos conteúdos e a permanência dessas notícias veiculadas nos ambientes públicos de discussão. Esses dois momentos, para o autor, são situações que contribuem para produzir e reforçar o sentido de tempo presente na sociedade. Tanto a periodicidade dos jornais, que garante a continuidade dos debates, quanto o sentido de novidade imbricado nos conteúdos, reforçado pela escrita jornalística que utiliza recursos gramaticais que constroem um discurso atual, são fatores responsáveis por dar sentido às experiências do tempo presente enfatizadas pelo jornalismo e associadas à rotina diária.

Enquanto instituição, o jornalismo adquiriu com a sua periodicidade o papel de mediador social dos padrões de regularidade do tempo (FRANCISCATO, 2005). A disponibilização de informações em caráter regular inaugurou uma experiência social de simultaneidade, já que se tornava possível uma referência de sincronismo entre os eventos que ocorriam e os diferentes públicos. Com as transformações sociais e tecnológicas ocorridas entre o fim do século XX e o início do século XXI e a experiência de uma nova temporalidade social, os processos comunicacionais vivenciam ainda mais transformações.

Dentre as alterações pelas quais o processo comunicacional passa em tempos de grandes inovações tecnológicas, é importante destacar a reorganização das interações na sociedade. As práticas sociais, cada vez mais baseadas nas informações em tempo real, redefinem a forma como os públicos valorizam a transmissão instantânea, o sincronismo entre as ações e a multiplicidade de acontecimentos em conexão temporal (FRANCISCATO, 2005). São fenômenos que modificam a vivência social do tempo e dependem de um suporte de comunicação adequado para dar conta deste desejo por uma disponibilização imediata de informações.

No caso da televisão, para produzir um efeito de atualidade na transmissão de notícias e para construir um sentido de simultaneidade entre o tempo presente do telespectador e os acontecimentos que são narrados, os telejornais se apropriam com frequência das transmissões diretas. Com esse tipo de transmissão, eles conseguem construir um sentido de proximidade com o telespectador, além de produzirem um efeito de imediaticidade na veiculação das notícias.

Como visto no capítulo anterior, as transmissões ao vivo e em tempo real fazem parte da linguagem televisiva desde os primeiros anos da televisão no Brasil. Os equipamentos ainda precários e as câmeras cinematográficas utilizadas na época demandavam muito tempo de produção e tornavam as exibições dos acontecimentos tardias. Este cenário abriu a possibilidade para que os eventos fossem transmitidos de maneira direta, facilitando, então, para que a televisão ao vivo se estabelecesse como uma forte característica do meio de comunicação que surgia.

Ao longo da história da televisão, alguns eventos se tornaram marcantes pela cobertura e repercussão que ganharam na tela. Dentre eles, a Guerra do Golfo Pérsico inaugurou um marco na forma como até então os acontecimentos eram exibidos e narrados, sendo considerado o primeiro conflito mostrado ao vivo pela televisão. Os combates se iniciaram entre Iraque e Kuwait em agosto de 1990, se estendendo até o ano seguinte e envolvendo também outros países. Ataques feitos pelos aliados dos Estados Unidos e bombardeiros iraquianos foram transmitidos ao vivo durante toda a guerra. A rede de televisão norte-americana CNN transmitia as imagens do confronto diretamente de Bagdá, capital do Iraque. Esta era a primeira vez que uma guerra era televisionada e, apesar das imagens serem reais, muitas delas se assemelhavam a um jogo de videogame por mostrarem somente bombardeios. Ramonet (1999) traz o episódio da Guerra do Golfo para observar que naquela ocasião, a televisão, e, especialmente a CNN, exibiu as suas capacidades tecnológicas e o seu domínio de fazer conexões entre diferentes lugares do mundo a partir de seus “enviados especiais”. Em razão de um salto tecnológico conquistado com a transmissão de imagens via satélite, a televisão se consagrou em condições de apresentar ao vivo e instantaneamente imagens das mais variadas partes do mundo, fazendo com que acontecimentos locais tivessem projeções mundiais e se

tornassem assunto em todo o planeta, muitas vezes ampliando a importância desses fatos pela cobertura excessiva.

O compromisso com a urgência do meio televisivo em transmitir as informações tão logo elas ocorrem estreita cada vez mais o vínculo entre a atividade jornalística e o uso de tecnologias. Outro grande marco que refletiu nas coberturas de eventos após a já consagrada transmissão via satélite foi o surgimento da internet e as possibilidades de comunicação online que se abriram com ela. A entrada de um avião-espião norte-americano no espaço aéreo chinês em abril de 2001 colocou novamente a CNN em destaque nas transmissões televisivas. Utilizando a tecnologia do videofone<sup>8</sup>, a emissora conseguiu sair à frente das demais agências internacionais e transmitir em primeira mão a libertação dos militares estadunidenses presos em Hainan, na China. Uma pequena equipe da emissora que trabalhava no local utilizando o videofone conseguiu gerar imagens 25 minutos antes de qualquer outra emissora transmitir o mesmo fato (BRASIL, 2002). Sabe-se que a qualidade das imagens do videofone era inferior às captadas por uma câmera profissional de televisão, no entanto, a agilidade com que se fez a cobertura, com um custo operacional inferior, demonstra o potencial de mudança de cenário que a tecnologia vem acrescentar na televisão e no jornalismo, especialmente nos dias atuais, com a popularização dos dispositivos móveis e a crescente cobertura de eventos em tempo real, seja por um jornalista ou não.

### 3.1 A CONSTRUÇÃO DO AO VIVO NA TELEVISÃO

Com a chegada do videoteipe, na década de 1960, que permitia que os programas fossem gravados, muitas das produções que antes eram feitas essencialmente ao vivo passaram a ser substituídas pelo VT, modificando radicalmente a forma de se pensar e de se fazer o conteúdo audiovisual. Ainda assim, as emissoras mantiveram a linguagem e a narrativa do “em acontecendo,

---

<sup>8</sup> Na definição de Brasil (2002), o videofone se trata de “uma pequena maleta que pode ser transportada por qualquer jornalista, constando de um *laptop*, uma pequena antena e um telefone celular via satélite” (p. 19). O sistema criado pela empresa britânica 7ECommunications permite acesso instantâneo e de qualquer lugar à internet.

agora” (MACHADO, 2000), marca registrada da televisão. O que o videoteipe provocou, na verdade, foi uma diferenciação entre os conceitos de transmissão direta, ao vivo e gravação ao vivo. Como Emerim e Cavenaghi (2012) analisam, para os telespectadores, as noções de transmissão ao vivo veiculadas pela televisão são familiares; o que talvez não seja de total clareza é a natureza dessas transmissões, ou seja, se são diretas ou não e se acontecem em tempo real e simultâneas a sua ocorrência.

Fechine (2008) e Machado (2000) fazem uma importante distinção entre o tempo atual e o tempo real veiculados na TV. Para os autores, o tempo real configura aquilo que acontece ao mesmo tempo em que é transmitido na televisão. As imagens de um evento são transmitidas no mesmo instante em que ele ocorre fora da tela, sem que se possa alterar o seu espaço de tempo e fazendo com que a televisão “se submeta ao tempo real do evento, absorvendo inclusive a sua morosidade e os seus vazios” (MACHADO, 2000, p. 138). Em um telejornal, o tempo real faz com que apresentador, repórter e telespectador compartilhem de um mesmo “agora”, já que se encontram inseridos em uma mesma duração, tanto do que está acontecendo quanto do que está se falando. O que diferencia o tempo real na televisão é a posição do repórter exatamente no mesmo tempo em que ocorre o evento que ele narra. Não havendo deslocamento temporal entre o que é narrado e a sua narração, constitui-se um presente comum entre o telespectador e a televisão. Este compartilhamento do “agora” faz com que se estabeleça uma correspondência entre o que a televisão transmite e o acontecimento no mundo, “como se houvesse uma temporalidade recortada diretamente do real” (FECHINE, 2006, p.144), a qual é a pretensão de todos os telejornais que se propõem a realizar uma transmissão direta. A correspondência entre o tempo da TV e o tempo do mundo revela uma duração comum entre o tempo de quem fala, do assunto do qual se fala e da audiência para a qual se fala.

Já o tempo atual, ou “tempo presente” como denomina Machado (2000), representa os eventos que não ocorrem no mesmo tempo do telejornal, mas que são transmitidos de forma que sejam associados ao tempo presente da programação. Como os fatos noticiados por um telejornal não ocorrem todos no mesmo momento em que a transmissão está no ar, utiliza-se a transmissão direta para criar uma proximidade temporal entre os acontecimentos e a exibição do noticiário. A

construção de um tempo atual pelos telejornais se dá, por exemplo, quando apresentador e repórter, inseridos em uma mesma duração e interagindo ao vivo, tratam de um evento ocorrido em tempo passado (gravado), mas que imediatamente é trazido para o presente da televisão. As entradas ao vivo dos repórteres surgem como uma alternativa para se evitar o deslocamento temporal dos conteúdos gravados, atualizando informações mais recentes e realçando o imediatismo na divulgação dos fatos. Esta estratégia narrativa constrói uma “continuidade espaço-temporal” (FECHINE, 2006) que “resulta, por fim, em um efeito de maior proximidade entre o conteúdo enunciado e o próprio ato de enunciação por meio do qual se diminui a distância entre o fato jornalístico e sua divulgação pelo telejornal” (p. 143). Para Machado, o tempo presente é um processo exclusivo da televisão, já que ela “apresenta o tempo da enunciação como um tempo presente ao espectador” (2000, p. 138).

As gravações ao vivo e as transmissões diretas são recursos muito utilizados pela televisão, e facilmente confundem o telespectador que procura observar se uma exibição está mesmo ocorrendo naquele momento ou não. Para que a sensação do ao vivo permaneça na programação, muitas emissoras se utilizam de estratégias discursivas e de recursos como os registros sem supressão do tempo e sem edições posteriores (FECHINE, 2008). Essas técnicas permitem que os conteúdos que vão ao ar produzam um sentido de que os acontecimentos são imediatos e simultâneos ao tempo presente do telespectador.

Mas o que diferencia, exatamente, os conceitos de transmissão direta, ao vivo e gravação ao vivo? De acordo com a definição proposta pela autora, uma transmissão direta representa toda uma operação que permite a produção, a veiculação e a recepção de um programa de televisão de modo simultâneo. Entretanto, partindo-se do pressuposto de que uma transmissão direta pode ser tratada apenas como um fato técnico, a noção de ao vivo passa a ser entendida essencialmente como um fenômeno semiótico, pois, muito mais que um procedimento técnico, a criação do ao vivo na televisão depende do modo como os discursos são organizados para produzirem efeitos de sentido. Dessa forma, a noção de ao vivo pode ser construída tanto em uma transmissão direta quanto em uma transmissão gravada, que pretende se passar por ao vivo, não se podendo restringir que esse efeito seja resultado exclusivo das transmissões diretas. A

transmissão direta, portanto, é o tipo de transmissão que se dá ao vivo, sem cortes e em tempo real, com exibição simultânea à ocorrência do evento. Enquanto isso, uma gravação ao vivo compreende um procedimento de registro, ou seja, um material gravado sem cortes e sem edição, que mantém as características de uma exibição simultânea à ocorrência do evento registrado.

O efeito de ao vivo instaura uma concomitância temporal entre o que a televisão exhibe e o que é vivido fora dela. A partir dessa temporalidade comum, cria-se um sentido de contato com os outros e com os acontecimentos do mundo, além de um efeito de autenticidade do real, já que há um reconhecimento de que o que está se assistindo está realmente acontecendo fora da televisão. Esta experiência faz com que o telespectador não apenas vivencie um acontecimento através da transmissão direta como também viva a própria transmissão direta como um acontecimento. O sentimento de ao vivo configura, assim, a própria construção de uma presença (FECHINE, 2008).

A preocupação da televisão em produzir uma marca de atualidade e simultaneidade em sua programação é permanente. No entanto, muitas emissoras acabam optando pelas transmissões gravadas para que, de alguma forma, reduzam-se os erros a que todas as transmissões diretas estão sujeitas, sejam elas de caráter técnico, como perdas de sinal, sejam pelos imprevistos que são inerentes aos próprios acontecimentos narrados. Assim, o que muitos programas gravados buscam é a possibilidade de dar ao telespectador a impressão de que aquela transmissão também é simultânea, através de recursos de linguagem e de estratégias de continuidade. Para que um programa gravado tenha o efeito de ao vivo, é preciso que este demonstre estar sendo realizado exatamente no mesmo momento em que é exibido. Para tanto, as gravações buscam simular elementos da simultaneidade da transmissão direta para instaurar o efeito de ao vivo. A presença de algumas “marcas” discursivas auxilia as gravações a criarem um sentido de atualidade, sendo elas:

- a) a linearidade temporal e a sequencialidade da transmissão, a inscrição da atualidade do tempo presente (o tempo de duração do evento corresponde ao tempo de transmissão do evento);
- b) a montagem é feita no momento mesmo da gravação através do corte de câmeras, sem necessidade de edição posterior;
- c) o registro dos acontecimentos se dá na imediatividade de sua realização, dando margem à incorporação do acaso e

dos tempos “mortos”, dos problemas técnicos (queda de sinal, imagens sem foco, ruídos no áudio, etc.) e das dificuldades de controle da situação (gafes e embaraços, confusões e momentos de tensão entre os participantes etc.). (FECHINE, 2008, p. 30).

A transmissão direta e ao vivo é a principal característica da televisão e potencializa o contato direto entre as pessoas e os acontecimentos. As imagens transmitidas pela tela permitem visualizar simultaneamente o que está acontecendo em diferentes lugares do mundo, ligando a todo instante as pessoas aos eventos e configurando a própria realidade numa visualidade que elimina distâncias. Ao que Emerim e Cavenaghi (2012) chamam de “*presente da enunciação televisiva*” (grifo das autoras), em que os telespectadores se encontram sempre conectados aos acontecimentos, bastando que para isto apenas liguem um aparelho de televisão.

As narrativas televisivas, ao operarem em tempo presente, fazem com que os acontecimentos atinjam uma concepção de verdade, muito característica da televisão e complexa de se abordar em outros meios de comunicação. Como um produto audiovisual, o recurso da imagem associado ao texto e ao áudio reforça a produção de sentidos justamente por mostrar imagens do acontecimento que narra, adquirindo grande credibilidade sobre o que é mostrado. A associação entre imagens e o discurso do tempo real, quando bem operados, adquirem a possibilidade de mobilizar audiências de diversas partes do mundo, inclusive simultaneamente. Essas experiências coletivas, quando transformadas pela televisão em histórias instantâneas, “têm o poder de modelar a memória coletiva, assim como de integrar e reorganizar sociedades inteiras em torno de um mito ou de uma vontade coletiva” (MACHADO, 2000, p. 139). Por isso, a televisão possui o poder de legitimar acontecimentos que compõem a realidade, se tornando um referencial importante na construção de um mundo cotidiano.

### 3.2 A PRESSA NA PRODUÇÃO EM TEMPO REAL

As transformações gradativas nos processos comunicacionais, do surgimento do jornal impresso aos meios eletrônicos, ampliam as possibilidades de se experimentar a noção de temporalidade nas práticas sociais, principalmente quando

se inserem neste contexto as tecnologias de informação que tornam a sociedade cada vez mais vinculada às experiências sociais no tempo presente. O papel do jornalismo na sociedade conquista reconhecimento como instituição a partir do momento em que instantaneidade e simultaneidade também se tornam experiências sociais. Com o compromisso de produzir relatos sobre o tempo presente, a atividade jornalística incorpora novos fluxos de informação e, principalmente, novos hábitos de consumo de uma audiência cada vez mais ávida por notícias. Os fluxos de informação, atualmente operados em rede, repercutem profundamente na temporalidade social. De acordo com Franciscato (2005, p. 165), “torna-se tecnológica e socialmente possível falar-se em ‘tempo real’”, refletindo no próprio jornalismo uma nova possibilidade de romper com as práticas tradicionais e explorar novas maneiras tanto de produção quanto de circulação de seu produto principal, a notícia.

Com os avanços tecnológicos, simultaneidade e instantaneidade se tornaram experiências temporais muito próximas. Para inter-relacionar diferentes acontecimentos e atores, a simultaneidade necessita de uma transmissão instantânea de informações. Por causa da incorporação de fatores sociais e tecnológicos, a atividade jornalística demarca ainda mais a sua promessa de relatar eventos em tempo real, sem perdas de tempo entre ocorrência e recepção dos acontecimentos, e de tornar as audiências interconectadas no mesmo tempo presente dos fatos.

A inclusão de novas tecnologias na atividade jornalística introduz a produção de um jornalismo focado no tempo real e na atualização contínua de informações, utilizando-se do ao vivo como uma exibição predominante. Potencializando a instantaneidade, o processo comunicacional se torna uma prática que amplia tanto a capacidade de informar e contextualizar quanto a capacidade de operar os conteúdos produzidos em novos recursos de transmissão, veiculação, produção e edição.

A preocupação com a velocidade na divulgação de notícias sempre esteve atrelada à atividade jornalística. Desde que os jornais se consolidaram como um produto e os meios de comunicação se firmaram como empresas, a atualidade dos conteúdos tornou-se fator determinante na concorrência do jornalismo enquanto

mercado. Em tempos onde a informação se torna ainda mais urgente, impulsionada pelo desenvolvimento da internet e pela ampliação das redes de telecomunicação, a rotina de produção jornalística incorpora novos hábitos e acaba refletindo em seu conteúdo algumas consequências deste ritmo de produção acelerado.

Ao discutir sobre a velocidade com que se produzem informações nas redações jornalísticas, Moretzsohn (2002) aponta que, em muitos casos, a urgência compromete a qualidade do conteúdo divulgado. A pressa do tempo real e o compromisso de dar notícias sempre em primeira mão aumentam o risco de matérias irem ao ar com erros e informações imprecisas, fazendo com que os repórteres, por exemplo, divulguem informações sobre as quais não têm certeza. Além disso, a correria impede que o jornalista tenha tempo suficiente de reflexão no momento em que está produzindo uma notícia, o que limita as possibilidades de fazer abordagens diferentes, que provoquem questionamentos sobre determinados assuntos. Da mesma forma, o tempo escasso também contribui para que os jornalistas consultem sempre as mesmas fontes, não proporcionando a diversidade de discursos e, muitas vezes, reproduzindo apenas “declarações oficiais”.

Na era do tempo real, a preocupação com a instantaneidade e com a necessidade de ser o primeiro veículo a dar determinada notícia leva ao risco da desinformação. Quer dizer, a pressa por noticiar instantaneamente faz com que em muitos momentos os jornais apenas comuniquem, e não informem. Os canais 24 horas, tão comuns na TV a cabo, repetem exaustivamente as mesmas notícias sem nenhuma ou pouca novidade, longe da promessa de “jornalismo em tempo real” que vendem diariamente em seus slogans. Exemplo disso são as coberturas de sequestros feitas pela televisão, em que repórteres entram ao vivo regularmente, como que para justificar sua presença no local do incidente, porém sem ter o que acrescentar, reproduzindo informações já conhecidas e repetindo clichês.

O ritmo de produção das redações atuais impõe que os jornalistas trabalhem cada vez mais com um pensar automatizado, que reduz a informação. Este modo de reproduzir sempre o mesmo reforça estereótipos e causa uma simplificação do mundo, justamente pela falta de questionamentos. Em contrapartida, o tempo real muitas vezes parece desculpar a fragilidade da apuração, porque tudo pode ser corrigido ou melhorado com as informações atualizadas. A autora argumenta que “a

valorização da informação instantânea põe em xeque o próprio sentido de mediação exercido pelo jornalista” (MORETZSOHN, 2002, p. 168), pois o valor principal da informação torna-se a própria instantaneidade, e não o que ela significa. A função do jornalista como um mediador por vezes se opõe à possibilidade que surge com a internet, que permite ao próprio público selecionar os conteúdos que lhe interessam. A liberdade de escolha deste público aumenta juntamente com a crescente disponibilidade de informações, permitindo que telespectadores, ouvintes e leitores não apenas escolham as notícias que querem obter, mas também os locais onde vão adquirir tais conteúdos.

Entretanto, é importante destacar que mesmo que o jornalismo ao vivo pareça colocar as audiências em contato direto com os eventos narrados em tempo real, essas transmissões não superam a mediação do jornalista enquanto produtor de conteúdos, tanto pelas suas possibilidades técnicas de editar informações quanto pelo papel interpretativo de selecionar dados, estabelecer enquadramentos e formas de relacionar os fatos. Encadeando situações que acontecem fora do alcance das audiências, o jornalismo torna o acontecimento um fragmento do presente, inteligível e com sentido, simultâneo a outros acontecimentos do mundo e ao próprio cotidiano do espectador. A atividade jornalística assume para si a responsabilidade de corresponder o desejo de suas audiências pela novidade. Com as possibilidades que surgem com a internet, os públicos adquirem novos hábitos de se manter informados, e isso acarreta que o processo de produção jornalística também se torne mais acelerado e cada vez mais se aproprie de novas rotinas de trabalho que deem conta deste ritmo.

### 3.3 O TEMPO PRESENTE NA ERA DA MOBILIDADE E DO *STREAMING*

A viabilização das transmissões ao vivo na televisão sempre esteve relacionada com as capacidades tecnológicas disponíveis em cada momento específico de sua história. Sabe-se que a televisão nasceu no formato ao vivo e adquiriu, aos poucos, formas de reinventar esse tipo de transmissão e fazer desta a sua maior marca. Devido à impossibilidade de se gravar e editar os filmes das

pesadas câmeras cinematográfica disponíveis na década de 1950, a transmissão direta se sobressaiu como a opção mais viável em termos econômicos e também na exibição dos acontecimentos sem grandes perdas de tempo entre a ocorrência e a veiculação dos fatos. Foi só na década seguinte, com a chegada do videoteipe, que as gravações e as técnicas de edição passaram a fazer parte da realidade da TV, permitindo explorar novos formatos de programas e novas maneiras de se construir o ao vivo, já tão característico deste meio.

As demais mudanças que se seguiram, como a utilização de cores, as transmissões via satélite, o desenvolvimento de câmeras exclusivas para o uso da televisão, o aperfeiçoamento de ainda mais recursos de edição e captação de imagens bem como o início da TV digital, demonstram que o aparato tecnológico tornou-se fundamental para que o tempo presente fosse exibido com fidelidade na televisão. Hoje, o aprimoramento das tecnologias disponíveis permite observar que, quanto menor o suporte, mais fácil se torna para se transmitir eventos de qualquer lugar e em tempo real. Desde a emergência do jornalismo digital, a possibilidade técnica de atualização contínua das informações reforçou o caráter instantâneo da atividade jornalística. O desenvolvimento das tecnologias móveis digitais e das conexões sem fio, aliados ao crescimento da internet, trouxeram ainda mais possibilidades para a concepção de um jornalismo em condições de mobilidade, ou seja, focado na transmissão das notícias diretamente do local em que elas acontecem.

Os preços das câmeras e dos equipamentos de edição de boa qualidade caíram expressivamente nos últimos anos, tornando-os muito mais acessíveis e, inclusive, atraindo maior interesse do público pelo audiovisual, com as possibilidades que se abrem para que o próprio espectador registre a suas imagens. A popularização dos dispositivos móveis e o fácil acesso à internet possibilitam que consumidores de notícias e usuários da rede também produzam informações e narrem histórias. Com os diferentes dispositivos e ferramentas disponíveis, como celulares, câmeras digitais, *tablets* e aplicativos, o trabalho colaborativo inova a construção de narrativas e inaugura novos formatos, que surgem tanto do diálogo entre os usuários, quanto do compartilhamento de fotos, vídeos e notícias em sites pessoais e sites de rede social. Assim, o acesso aos dispositivos intensifica a produção de conteúdo, já que câmeras digitais e celulares se tornam ferramentas de

registro para pessoas de diferentes partes do mundo, jornalistas ou não. Da mesma forma, a cobertura em vídeo e em tempo real, por *streaming*<sup>9</sup>, possibilitada pela tecnologia móvel, aproxima expressivamente o tempo ao vivo da televisão ao tempo real da internet, inaugurando uma nova maneira de se exibir eventos no momento em que eles ocorrem.

No contexto de novidades tecnológicas que é experimentado agora, o jornalismo também atenta para a necessidade de apropriação de novos formatos a fim de renovar seus conteúdos e estabelecer maior interatividade com as suas audiências. Ao mesmo tempo, atenta-se para a possibilidade de incorporar novas rotinas produtivas que reinventem a atividade jornalística. A apropriação das mídias móveis fornece ao jornalismo um suporte que responde e satisfaz as necessidades de urgência e imediatismo, além de maior capacidade para transmissão de arquivos diretamente dos locais onde os fatos ocorrem em qualquer formato digital de áudio, vídeo, imagem e texto. A facilidade de interagir com os equipamentos e o acesso à internet criam um contexto favorável para o “jornalismo móvel” (CALADO, 2013; SILVA, 2008), nos quais os jornalistas adquirem condições suficientes para fazerem coberturas dos mais variados lugares por meio de seus dispositivos, enquanto os usuários colaboram fotografando, filmando e enviando demais informações sobre situações que presenciam.

As informações disponibilizadas na rede são consideradas narrativas a partir do momento em que podem “construir uma notícia e preencher as lacunas de conteúdos ausentes inerentes ao meio online” (CALADO, 2013, p.3), através da colaboração entre usuários da rede e em tempo real. Assim, o encadeamento de informações e a sequência de fatos relatados compõem, aos poucos, uma narrativa com começo, meio, fim e personagens. A convergência tecnológica e suas funções multimídia permitem agora, também ao usuário, produzir e armazenar conteúdos dos mais diversos lugares.

Durante as manifestações populares que se espalharam pelo Brasil ao longo de 2013, uma maneira ágil de se levar informações ao espectador tomou conta da cobertura destes eventos. Com câmeras e celulares conectados à internet, as

---

<sup>9</sup> *Streaming*: do inglês, “fluxo contínuo”; representa uma forma de transmitir áudio ou vídeo via internet.

pessoas puderam transmitir diretamente das ruas e em tempo real, com imagens nítidas e bem próximas dos fatos, tudo o que ocorria durante os protestos. As transmissões ao vivo pela internet com equipamentos tipo celular, realizadas primeiramente por grupos independentes, aos poucos se estenderam e chegaram também aos veículos de comunicação tradicionais. A popularização dos *smartphones* facilitou para que o *streaming* fosse utilizado na exibição dos acontecimentos no momento exato em que ocorriam, podendo-se explorar a linguagem audiovisual ao vivo diretamente da internet.

Embora o ano de 2013 tenha sido bastante expressivo na utilização de celulares em registros de eventos, a apropriação deste tipo de tecnologia móvel pelo jornalismo já conta alguns anos. Segundo registros de Firmino da Silva (2008), a primeira empresa a criar um projeto específico para este tipo de cobertura, em 2007, foi a Sistema Jornal do Comercio, de Recife, que através da TV Jornal criou o projeto “Notícia Celular”, uma iniciativa pioneira no uso da telefonia móvel e da internet 3G (banda larga de celulares) na geração de vídeos e fotos para a programação de um canal de TV e para um portal de notícias, o JC Online. Em 2008, foi a vez da TV Bandeirantes de São Paulo realizar a primeira transmissão ao vivo através de um celular em uma emissora de televisão brasileira, inaugurando uma plataforma de produção em que os repórteres da emissora utilizariam seus dispositivos móveis para transmitir notícias em tempo real.

Ao passo que o jornalismo se une às novas tecnologias, abre-se espaço para a produção de um novo tipo de conteúdo. Surgem outras estratégias de comunicação e formas de narrar, destinadas a um tipo de público acostumado com o uso da web 2.0, que é essencialmente colaborativa. A incorporação de novas ferramentas à rotina jornalística acarreta em mudanças principalmente nos processos de produção, apuração e construção de notícias. Firmino da Silva ressalta que existe uma “potencialização da narrativa com a mobilidade que é oferecida ao repórter em campo a partir do jornalismo móvel, que possibilita o relato dos eventos diretamente do local do acontecimento” (FIRMINO DA SILVA, 2008, p.1). A concepção de um “jornalismo móvel”, cada vez mais atrelado ao uso da tecnologia, aproxima ainda mais o jornalismo ao imediatismo e a instantaneidade do tempo real, formatando o que o autor chama de “ambiente móvel de produção”. Neste ambiente, toda a estrutura necessária para a produção jornalística se encontra em condições

de mobilidade, ao alcance do repórter em um único dispositivo capaz de produzir, editar e até mesmo veicular as informações. As transmissões via celular permitem que se narrem fatos sem os grandes equipamentos que são necessários principalmente para as transmissões televisivas, facilitando a mobilidade do repórter em campo.

A internet 3G e 4G, bem como os telefones móveis cada vez mais bem equipados de aplicativos de edição, acesso a banco de dados, câmeras de foto e vídeo, captadores de áudio e navegadores de internet, tornam crescente a mobilidade do repórter, que mesmo da rua pode ter suporte suficiente para a elaboração de notícias e elementos que possam compor as narrativas. Por toda esta mudança de cenário, a tecnologia reinventa o processo jornalístico de construir a informação e o tempo presente de que trata, já que a convergência de redações tradicionais e redações online, juntamente com a multiplicação de plataformas de distribuição, afetam a atividade jornalística desde a apuração das notícias até a exibição destas para a audiência.

As tecnologias de mobilidade potencializam a relação do jornalismo com o tempo real, o que envolve uma série de implicações principalmente ao trabalho do repórter nas ruas. O imediatismo para veicular informações com urgência e precisão aproximam ainda mais o jornalista ao aparato tecnológico. Assim, o repórter móvel, segundo definição de Firmino da Silva (2008), possui a particularidade de exercer um trabalho de cobertura de campo e não dentro de uma redação, ou seja, exatamente pela condição de mobilidade. Característica esta que possibilita, também, mais liberdade e velocidade para noticiar eventos em tempo real.

As transmissões de imagens ao vivo, que por muito tempo foram exclusivas da televisão, hoje se estendem também a outras mídias, por conta dos avanços tecnológicos e do desenvolvimento da internet. Neste contexto, em que o formato audiovisual se expande para novas possibilidades de exploração, não mais restrito às transmissões televisivas, o jornalismo também experimenta novas maneiras de realizar a produção de notícias e, sobretudo, de fortalecer seu compromisso de promover a instantaneidade e a simultaneidade na difusão das informações. Celulares conectados à internet e com câmeras embutidas, aplicativos de *streaming* e editores de arquivos incorporam ao jornalismo novas condições para a criação de

um ambiente de redação cada vez mais próximo do acontecimento e eficaz na construção de um tempo presente e na atualização contínua de notícias. A redefinição das rotinas de produção jornalística através do aperfeiçoamento da tecnologia é observada desde a introdução dos primeiros aparatos tecnológicos, como o telégrafo, a máquina de escrever e o telefone, quando o jornalismo passou a ser ainda mais vinculado ao imediatismo. Com o crescimento das tecnologias móveis e das conexões via internet, há uma potencialização da capacidade de produzir e relatar em tempo real, agregando mais agilidade à produção jornalística.

#### 4 OS DISPOSITIVOS MÓVEIS NA CONSTRUÇÃO DE CONTEÚDO AUDIVISUAL

A fim de verificar de que modo o uso dos dispositivos móveis é incluído na atividade jornalística atualmente, e que possíveis novos formatos de narrar um fato surgem com esta prática, serão analisados neste trabalho alguns casos de narrativas audiovisuais construídas com o uso de aparelho celular, diretamente da ocorrência dos fatos. A metodologia utilizada se deu a partir de pesquisa bibliográfica e de estudos multicase (TRIVIÑOS, 1987), aplicado nas pesquisas de jornalismo digital, com inspiração na proposta metodológica do Grupo de Estudos em Jornalismo On-line (GJOL), da Universidade Federal da Bahia. Este tipo de estudo permite a observação de diversos casos, que auxiliam a ilustrar descobertas ou testar hipóteses (MACHADO, PALACIOS, 2007).

Para este trabalho, foram escolhidos nove casos retirados de veículos de comunicação diversos, todos da grande imprensa. Eles datam dos últimos cinco anos, período em que esta prática se tornou mais recorrente no jornalismo. A crescente identificação de casos nos anos mais recentes acompanha a tendência do aumento da utilização desse tipo de recurso nos veículos de comunicação, graças ao barateamento e à melhor qualidade de captação dos dispositivos móveis e da expansão da internet. Os casos escolhidos são importantes porque apresentam elementos ricos a serem estudados, principalmente por representarem uma inovação na atividade jornalística. Eles foram selecionados conforme a disponibilidade dos mesmos na rede e pela utilização dos dispositivos móveis em suas construções, buscando contemplar exemplos dessa prática em veículos das mais diversas mídias (jornais, emissoras de rádio e de televisão e portais de internet).

O quadro abaixo traz uma breve descrição dos casos escolhidos:

<b>Caso</b>	<b>Programa ou Tema</b>	<b>Veículo</b>	<b>Data</b>	<b>Descrição</b>
1	Band Repórter Celular	Rede Bandeirantes	29/05/2009	Repórter transmite imagens de derretimento de escultura de gelo instalada na Avenida Paulista, em São Paulo, em virtude da inauguração de biblioteca temática do Meio Ambiente
2	Manifestantes protestam na	Rede Bandeirantes	20/06/2013	Filmado em meio aos manifestantes, vídeo mostra parte de protesto

	Avenida Paulista			realizado na capital paulista durante as manifestações de junho de 2013.
3	Milhares de pessoas participam de protesto no Centro do Rio	Rede Globo	07/10/2013	Imagens capturadas por celular de confronto entre policiais e manifestantes complementam matéria sobre greve de profissionais da educação do Rio de Janeiro
4	Grupo de garis em greve faz protesto por aumento de salário no Rio	Globonews	07/03/2014	Repórter transmite imagens de ato realizado por garis em greve no município do Rio de Janeiro
5	Confirma o deslocamento do Grêmio até a Arena	Rádio Gaúcha	11/04/2014	Repórter filma e narra trajeto do ônibus do Grêmio até o seu estádio antes de jogo
6	Vídeo Minuto ZH	Zero Hora	10/04/2014	Imagens mostram vazamento de hidrante em rua do Centro de Porto Alegre
7	Confrontos em desocupação da Favela da Oi	O Globo	11/04/2014	Vídeo mostra diversas imagens de embate entre policiais e moradores na desocupação da Favela da Oi, no Rio de Janeiro.
8	TV Folha	Folha de São Paulo	23/02/2014	Com imagens de arquivo, repórter narra o que presenciou na cobertura de manifestação em São Paulo
9	Witnesses to Chaos at Boston Marathon	New York Times	15/04/2013	Repórter entrevista atletas e público após atentado a bomba na Maratona de Boston, nos Estados Unidos

Tabela 1: informações gerais sobre cada caso

A seguir, cada caso será apresentado e serão observados os elementos de edição, intervenção do jornalista enquanto narrador e entrevistador, veiculação em tempo real e formato de narrativa. Desta forma, pretende-se verificar como a utilização dos dispositivos móveis é inserida na construção de novas narrativas.

**Caso 1 – Band Repórter Celular.** O primeiro caso se refere ao quadro “Band Repórter Celular”, exibido pela Rede Bandeirantes. O objetivo do quadro é fazer contatos ao vivo com repórteres que informam flagrantes diretamente das ruas para telejornais e demais programas da emissora. O vídeo escolhido para ilustrar este caso data de 2009, mas registros apontam para existência do quadro já em 2008, quando começou a ser exibido no programa Primeiro Jornal, sendo relevante para este trabalho justamente por indicar que o uso dos dispositivos móveis na produção audiovisual não é tão recente.

No vídeo tomado como exemplo, a apresentadora Sílvia Poppovic, do programa Boa Tarde, chama o repórter para “os flagrantes da cidade”. Na entrada ao vivo, o repórter mostra os restos de uma escultura de gelo colocada na Avenida Paulista, em São Paulo. Enquanto as imagens da escultura são mostradas, o

repórter fala do objetivo da ação da Secretaria do Meio Ambiente do Município para a conscientização dos cuidados com o meio ambiente.



Figura 1 - Baixa qualidade técnica indica o uso de dispositivo móvel na cobertura em tempo real<sup>10</sup>

Ao longo dos quase dois minutos em que o quadro fica no ar, a interação entre o repórter e a apresentadora e o ícone de “ao vivo” da emissora no canto superior da tela permitem observar que a transmissão se dá em tempo real e que não há edição de áudio e de imagens. A ausência de edição é perceptível, pois o conteúdo é transmitido na íntegra e sem cortes.

Embora o nome do quadro deixe claro que a produção é feita via celular, este fato também fica evidente pela qualidade das imagens exibidas e do som da fala do repórter, que não aparece em nenhum momento. Outro elemento que identifica a transmissão feita pelo celular é o uso de uma arte que destaca na tela da televisão tanto o nome do quadro (no canto inferior esquerdo) quanto um gráfico que simula os programas de visualização de vídeos, imitando botões de *play* e *pause*, por exemplo, abaixo do vídeo (figura 1).

**Caso 2 - Manifestantes protestam na Avenida Paulista.** Mais atual e também da Rede Bandeirantes, este caso permite observar outro tipo de formato na

<sup>10</sup> Disponível em: <http://tvuol.uol.com.br/video/band-reporter-celular-avenida-paulista-04024D9A3162C4813326>; Acesso em: 21 abr. 2014.

utilização de dispositivos móveis pela emissora, sendo importante também para comparar as mudanças incorporadas a essa prática no decorrer dos últimos anos. Com imagens captadas em maio de 2013, feitas durante uma manifestação na cidade de São Paulo, o vídeo com duração de pouco mais de um minuto hospedado no site oficial da emissora mostra a movimentação dos manifestantes na rua. Embora o vídeo encerre com uma vinheta da emissora, ao longo da exibição das imagens também não se percebe nenhum recurso de edição aplicado ao conteúdo audiovisual. As imagens são feitas do meio da multidão, demonstrando que o registro é captado diretamente do local em que o fato ocorre, apesar da sua veiculação não se dar em tempo real.



Figura 2 - Vídeo necessita vir acompanhado de texto de apoio para contextualizar imagens<sup>11</sup>

Diferentemente do exemplo anterior, aqui não existe nenhuma intervenção do repórter enquanto entrevistador ou narrador das imagens, o que leva para a

<sup>11</sup> Disponível em: <http://tvuol.uol.com.br/video/manifestantes-protestam-na-avenida-paulista-04020D1C3168D8A94326>; Acesso em: 21 abr. 2014.

necessidade de uma descrição em texto, na própria página e logo abaixo do vídeo, explicando sobre o que trata o registro, como mostra a figura 2. Apesar de em nenhum momento as imagens serem identificadas como feitas por um telefone celular, este fato fica evidente tanto pela qualidade técnica do material quanto pelo ângulo e mudança de posição em que as imagens são tomadas, podendo-se perceber a facilidade em termos de mobilidade adquirida pelo repórter, o que não teria o mesmo resultado com um equipamento tradicional de filmagem para televisão. Apesar disso, nem o vídeo e nem o texto descritivo informam o nome do autor das imagens.

### **Caso 3 – Milhares de pessoas participam de protesto no Centro do Rio.**

Exibido pela Rede Globo, o Jornal Nacional foi um dos telejornais que utilizou muito este tipo de cobertura no último ano, e um dos poucos dentre os casos estudados que mencionou abertamente o fato de as imagens estarem sendo captadas por telefones celulares. Em edição do dia sete de outubro de 2013, o jornal transmitiu diretamente das ruas do Rio de Janeiro um protesto em apoio aos profissionais de educação da rede municipal, na época em greve. Além das imagens capturadas através do helicóptero da emissora e das câmeras de segurança instaladas nas ruas, a cobertura se estendeu ao uso de dispositivos móveis que enviavam imagens ao vivo por *streaming*, do meio do protesto. Neste exemplo observado, os apresentadores na bancada do telejornal, que narram as imagens exibidas, deixam claro que a transmissão se dá pela internet e que as imagens são capturadas por um telefone celular, em tempo real, e sem nenhuma edição. Embora não haja identificação do repórter que filma, nem aparição direta deste entrevistador ou narrador das imagens, a intervenção dos apresentadores na bancada do telejornal é suficiente para que a informação seja compreendida.



Figura 3 - Transmissão via streaming como alternativa de cobertura durante protestos<sup>12</sup>

Ao longo da história da televisão brasileira, a Rede Globo se consagrou pelo “padrão Globo de qualidade”, se revelando sempre pioneira na utilização de recursos de alta tecnologia. Por conta disso, a utilização de dispositivos móveis nas coberturas da emissora se torna importante, também, por romper o padrão rígido de qualidade, demonstrando inovações editoriais a partir do momento em que veicula imagens de pouca qualidade técnica a serviço da informação instantânea.

**Caso 4 – Grupo de garis em greve faz protesto por aumento de salário no Rio.** Em uma cobertura semelhante ao caso 3, o canal de notícias Globonews utilizou a transmissão móvel para acompanhar a greve dos garis, no Rio de Janeiro, iniciada em março de 2014. Na cobertura tomada como exemplo, na edição do dia sete de março do programa Jornal Globonews, o apresentador do telejornal faz um contato ao vivo com o repórter, que se encontra no local onde os trabalhadores grevistas realizam um protesto. Através de um telefone celular, o repórter registra imagens da movimentação e relata as novidades na negociação do grupo com o Ministério do Trabalho. Embora a transmissão seja em tempo real e sem edição, o repórter atualiza as informações sem manter um diálogo de perguntas e respostas com o apresentador do programa. E apesar de não ser mencionado que a

<sup>12</sup> Disponível em: <http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/milhares-de-pessoas-participam-de-protesto-no-centro-do-rio/2873506/>; Acesso em 20 abr. 2014.

transmissão ocorre através do uso de um dispositivo móvel, elementos como a baixa qualidade de áudio e de vídeo, bem como a ausência do repórter na tela, deixam claro a utilização do aparelho celular.



Figura 4 - Ao vivo, repórter utiliza telefone celular para atualizar últimas informações<sup>13</sup>

O jornalismo de caráter móvel também vem sendo amplamente utilizado pela GloboNews desde as manifestações de junho 2013 no Brasil, se estendendo à cobertura de demais eventos e protestos ocorridos no país de lá para cá. Um das coberturas mais importantes do canal foi a exibida durante o Dia da Independência, no dia sete de setembro de 2013, também no Rio de Janeiro. Ao vivo via celular e diretamente da rua, repórteres narravam os fatos de maneira espontânea e improvisada, sem aparecerem nas imagens e sem portarem qualquer identificação da emissora, como microfones com canoplas. A incorporação dos dispositivos móveis na produção jornalística do canal 24 horas apontou para um maior alcance da informação ao vivo transmitida pela internet e exibida na televisão tão logo ela ocorre. Mesmo que a qualidade das imagens deixe a desejar se comparada com a qualidade obtida com equipamentos tradicionais de televisão, a cobertura móvel demonstra uma inovação dos formatos audiovisuais, que podem, agora, ser exibidos com muito mais instantaneidade e atualidade.

**Caso 5 – Confira o deslocamento do Grêmio até a Arena.** A Rádio Gaúcha, de Porto Alegre, tem utilizado o seu site oficial para a veiculação de informações que vão além do conteúdo sonoro tradicionalmente produzido para o

<sup>13</sup> Disponível em: <http://globoTV.globo.com/globo-news/jornal-globo-news/v/grupo-de-garis-em-greve-faz-protesto-por-aumento-de-salario-no-rio/3197636/>; Acesso em 20 abr. 2014.

rádio. Em vídeo postado no site em abril de 2014, o repórter (que não aparece e também não tem o nome identificado no vídeo) acompanha o deslocamento do ônibus do Grêmio até o estádio do clube, a Arena. De dentro do carro e gravando com um telefone celular, ele narra o trajeto do ônibus e relata informações sobre o trânsito e a movimentação de torcedores ao longo do percurso e no entorno do estádio.



Figura 5 - Rádios e impressos ampliam produção multimídia com uso de dispositivos móveis<sup>14</sup>

A utilização de recursos de edição é bastante evidente neste exemplo, já que o trajeto não é exibido na íntegra (com cortes que aceleram o percurso do ônibus) e há uma vinheta da própria rádio inserida no início e no fim do vídeo. Embora a narração do locutor se dê no momento em que as imagens acontecem, a exibição do vídeo no site da rádio não se deu em tempo real, podendo-se observar que a postagem data do dia 11 de abril, enquanto as imagens são da noite anterior. Como as imagens são acompanhadas do áudio que narra o que está sendo exibido, não há nenhuma outra informação adicional inserida na página, como uma descrição em texto, por exemplo. A baixa qualidade do vídeo, bem como a facilidade de mobilidade do repórter, mesmo que de dentro do carro, não deixam dúvidas sobre a

<sup>14</sup> Disponível em: <http://videos.clicrbs.com.br/rs/gaucha/video/radio-gaucha/2014/04/confira-deslocamento-gremio-ate-arena-10-04-2014/72851/>; Acesso em 20 abr. 2014.

utilização do dispositivo móvel como ferramenta de produção de reportagem audiovisual.

**Caso 6 – Vídeo Minuto ZH.** Este exemplo se refere à seção Vídeo Minuto, vinculada à ZHTV (<http://videos.clicrbs.com.br/rs/zerohora/>), do jornal Zero Hora. A proposta da seção é exibir em vídeos de até um minuto imagens do cotidiano capturadas em caráter de “flagrante” por jornalistas do jornal. Em vídeo postado em 10 de abril de 2014, as imagens feitas por um telefone celular mostram o vazamento de um hidrante no centro da cidade de Porto Alegre. A edição do conteúdo é pouco utilizada, pois ao longo do vídeo há apenas um corte de imagens. O repórter que grava o ocorrido não aparece e também não narra as imagens, por isso as informações que explicam o registro vêm em uma descrição em forma de texto, na própria página e logo abaixo do vídeo, em um breve relato e *link* que direciona para a matéria completa no site do jornal. A transmissão também não ocorre em tempo real, pois se trata de um conteúdo gravado.



Figura 6 - Dispositivos são utilizados para registrar flagrantes dos jornalistas<sup>15</sup>

<sup>15</sup> Disponível em: <http://videos.clicrbs.com.br/rs/zerohora/video/video-minuto/2014/04/vazamento-hidrante-centro-porto-alegre/72713/>; Acesso em: 21 abr. 2014.

Propostas como o ZH Minuto representam as grandes possibilidades que os jornalistas têm hoje para reportar eventos diretamente de onde eles ocorrem, com suportes cada vez menores e em condições inéditas de mobilidade. Porém, nesse caso, se não fosse pelo texto de apoio, o vídeo sozinho não teria nenhum propósito enquanto fonte de informação. Uma simples foto do hidrante vazando, por exemplo, teria o mesmo valor do que a gravação. Esta seção do jornal, por essas características, pode ser encarada como exemplo de outra tendência que acontece em relação à utilização de dispositivos móveis no jornalismo: a do uso apenas pelo próprio uso, provavelmente na tentativa do veículo de mostrar-se aberto à tecnologia. Embora o jornal opte por veicular o acontecimento em um relato em forma de vídeo, a forma como as imagens são apresentadas não explora as potencialidades permitidas pela linguagem audiovisual.

**Caso 7 – Confrontos em desocupação da Favela da Oi.** Exibido na página *online* do jornal O Globo, em postagem do dia 11 de abril de 2014, o vídeo traz imagens de um confronto durante a desocupação da Favela da Oi, no Rio de Janeiro, e é editado mesclando fotografias, imagens em movimento e rápidos depoimentos de moradores locais (sem identificação), captados por um dispositivo móvel, fato este que fica evidente pela baixa qualidade técnica audiovisual e pela proximidade do repórter junto ao confronto. Como não há narração ou entrevistas que expliquem o ocorrido, o vídeo inicia com uma tela que indica em um texto breve o que trata a sequência de imagens, como mostra a figura 7. E, diferentemente dos casos anteriores, este é um dos poucos exemplos em que a edição inclui um GC (gerador de caracteres) de crédito para as autorias de edição e captura das imagens. Como o vídeo já inicia com uma descrição em texto, não há na página qualquer outro tipo de informação adicional, nem mesmo *links* que direcionem para demais conteúdos do site.



Figura 7 - Descrição em texto no início do vídeo contextualiza origem das imagens<sup>16</sup>

Ao longo dos pouco mais de dois minutos de duração do vídeo, os repórteres não aparecem em nenhum momento nas imagens, faltando, por isso, elementos que permitam observar a segurança do profissional em meio ao confronto. Embora a utilização de um dispositivo móvel permita maior mobilidade tanto para capturar imagens de ângulos privilegiados, quanto para editar e veicular o conteúdo sem grandes aparatos técnicos, neste exemplo específico do jornal O Globo a produção jornalística em condições de mobilidade aponta também para a vulnerabilidade do repórter, que se encontra em meio a situações de extrema violência.



Figura 8 - Repórter grava imagens com telefone celular em meio a confronto no Rio de Janeiro<sup>17</sup>

<sup>16</sup> Disponível em: <http://oglobo.globo.com/videos/t/todos-os-ideos/v/confrontos-em-desocupacao-da-favela-da-oi/3275045/>; Acesso em 21 abr. 2014.

<sup>17</sup> Disponível em: <http://oglobo.globo.com/videos/t/todos-os-ideos/v/confrontos-em-desocupacao-da-favela-da-oi/3275045/>; Acesso em 21 abr. 2014.

**Caso 8 – TV Folha.** Outra cobertura arriscada, dessa vez com relatos de violência sofridos pela imprensa, foi tema de programação da TV Folha, do Jornal Folha de São Paulo. Criada em 2011, a TV Folha concentra toda a produção audiovisual do jornal, sendo veiculada tanto no site oficial da Folha quanto em um programa semanal exibido pela TV Cultura. Em uma reportagem sobre a manifestação contra a Copa do Mundo, em São Paulo, no dia 23 de fevereiro de 2014, o programa trouxe o relato do repórter que cobria o protesto portando um telefone celular, juntamente com outros jornalistas da Folha. A edição da matéria costura os depoimentos do repórter (figura 9), gravados na redação do jornal, com as imagens gravadas por ele na manifestação (figura 10).



Figura 9 - Da redação, repórter relata cobertura de manifestação<sup>18</sup>

Durante o vídeo, Reynaldo conta como se deu o protesto e a intervenção da polícia, inclusive o momento em que foi agredido por um policial num cerco aos manifestantes, tendo o seu telefone celular arremessado ao chão. Tratando-se de material editado, nem as imagens do protesto, nem o depoimento do repórter se dão em tempo real, enquanto nem mesmo a edição busca construir um sentido de ao vivo.

---

<sup>18</sup> Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=QtH7Dw-M1n0>; Acesso em 22 abr. 2014.



Figura 10 - Portando telefone celular, repórter registra movimentação de manifestantes e ação da polícia durante protesto<sup>19</sup>

A utilização dos dispositivos móveis na construção da matéria audiovisual se restringe apenas ao registro das imagens, na cobertura da manifestação no momento em que ela ocorria nas ruas. Mesmo a narração das imagens, que se dá pelo depoimento do repórter, ocorre posteriormente à ocorrência do protesto. Neste exemplo estudado, a reportagem não explora o uso da tecnologia móvel de forma a construir uma narrativa diferente dos formatos tradicionais, embora a utilização desse tipo de ferramenta como meio de registro já represente uma inovação na rotina de produção jornalística. Entretanto, se não fosse pelo uso do aparelho celular, o repórter não teria obtido as imagens no contexto em que elas foram gravadas.

**Caso 9 - *Witnesses to Chaos at Boston Marathon.*** Na cobertura do atentado à Maratona de Boston, nos Estados Unidos, em 15 de abril de 2013, os dispositivos móveis foram amplamente utilizados pelos meios de comunicação que acompanhavam o evento, principalmente pela circunstância inesperada em que se deu o fato. O último exemplo estudado neste trabalho se refere a uma reportagem audiovisual produzida e veiculada no site do *The New York Times*, em que o repórter Brent McDonald, vídeo jornalista do jornal, recolhe depoimentos de corredores e espectadores da maratona instantes após a explosão da bomba. No vídeo, veiculado tão logo se deu o atentado, os entrevistados descrevem as explosões e

<sup>19</sup> Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=QtH7Dw-M1n0>; Acesso em 22 abr. 2014.

falam do cenário caótico que vivenciaram de perto. A edição mistura imagens do momento do acidente, capturadas por câmeras diversas, com as declarações dos entrevistados, gravadas com o telefone celular do repórter.



Figura 11 - Repórter recolhe depoimentos com telefone celular após explosão de bomba<sup>20</sup>

Em vídeo<sup>21</sup> posterior a essa reportagem, exibido também no site do jornal, em 26 de abril de 2013, o jornalista Richard L. Berke, editor de notícias do *NY Times*, conversa com os jornalistas Katharine Q. Seelye e Brent McDonald sobre o papel dos *smartphones* e das mídias sociais na cobertura do atentado de Boston. Brent McDonald conta que se viu em uma situação difícil: ou voltava para a redação do jornal para buscar uma câmera apropriada para gravar os relatos dos entrevistados, ou gravava tudo com o seu próprio telefone celular. Pela urgência do acontecimento, preferiu a segunda opção. Filmar com um *smartphone* é difícil porque gera uma imagem ruim e tremida, além da qualidade do áudio, que deixa a voz do repórter mais alta que a dos entrevistados, mas apesar disso, explicou ele, o resultado desta cobertura foi bom o suficiente para o que se podia fazer naquele momento. Sobre como a reportagem foi montada, ele conta que gravava e editava as entrevistas no próprio celular, e em seguida enviava os arquivos para que o jornal pudesse transmitir. Os jornalistas estão habituados a contar histórias numa sequência de imagens e entrevistas tradicional, numa estrutura já convencionalizada de televisão, mas o atentado de Boston foi um caso especial, porque a notícia precisava ser contada no exato momento em que acontecia, justamente por romper com a

<sup>20</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iM-oY8l6jm4>; Acesso em 22 abr. 2014.

<sup>21</sup> Disponível em: <http://www.nytimes.com/video/us/100000002194615/behind-the-scenes-of-covering-boston.html?playlistId=100000002173381>; Acesso em 22 abr. 2014.

previsibilidade do evento. Quando perguntado sobre as lições aprendidas com esta cobertura, Brent McDonald diz que trabalhar com dispositivo móvel é fazer jornalismo igual, mas que é preciso estar sempre conectado checando informações e, principalmente, com um carregador de bateria, porque sem celular, hoje em dia, o jornalista está isolado.

A análise dos casos estudados permite observar que a inclusão dos dispositivos móveis como mais uma ferramenta de trabalho da atividade jornalística não se restringe a um só tipo de veículo, fazendo parte das rotinas de produção dos mais variados meios. O formato audiovisual, antes exclusivo da televisão, agora se torna conteúdo de qualquer segmento de comunicação que explore a produção multimídia, impulsionada principalmente pelo desenvolvimento da internet e pelo crescimento das plataformas *online*. Mesmo as rádios e os jornais impressos, que não têm o audiovisual como suporte principal, passam a utilizar os *sites*, os aplicativos para celular e as redes sociais como formas de estender seus conteúdos em formatos diversos de áudio, imagem e texto.

Dentre os elementos observados em cada caso, considerando os processos de edição, intervenção jornalística do repórter enquanto entrevistador e narrador das imagens, veiculação em tempo real e formato de narrativa, poucos critérios têm incidência comum a todos os exemplos estudados. Na tabela 2, os elementos analisados são descritos retomando as características principais de cada caso:

<b>Band Repórter Celular:</b> transmissão via <i>streaming</i> , sem edição de imagens. A intervenção do repórter se dá ao vivo e em tempo real, por meio de uma narração das imagens.
<b>Band Protestos:</b> não há edição de imagens nem narração do repórter. A veiculação do vídeo não se dá em tempo real. As informações sobre as imagens vêm em forma de texto, na página em que o vídeo é postado.
<b>Jornal Nacional:</b> transmissão via <i>streaming</i> , em tempo real, sem edição de imagens e sem intervenção do repórter que está na rua. A narração é feita pelos apresentadores do jornal.
<b>Globonews:</b> transmissão via <i>streaming</i> , sem edição e em tempo real, com intervenção jornalística feita por repórter diretamente do evento.
<b>Rádio Gaúcha:</b> vídeo montado com edição de imagens e com narração do repórter que filma. A veiculação não se dá em tempo real.
<b>Vídeo Minuto ZH:</b> vídeo gravado com pouca edição de imagens e sem intervenção do repórter. Não é exibido em tempo real. As informações sobre as imagens seguem em forma de texto, na página em que o vídeo é postado.
<b>O Globo:</b> vídeo editado mesclando fotografias e imagens em movimento. Não há intervenção do repórter e a veiculação não se dá em tempo real. As informações sobre as imagens vêm em forma de texto, no início do vídeo.

**Folha de São Paulo:** vídeo editado intercalando imagens do protesto com depoimento do repórter, que faz uma narração posterior ao registro das imagens. A veiculação não se dá em tempo real, e a edição segue um formato tradicional de narrativa audiovisual.

**New York Times:** vídeo editado com imagens de câmeras diversas e depoimentos gravados via telefone celular. Há intervenção do repórter, como entrevistador, mas a exibição não se dá em tempo real. A edição segue um formato tradicional de narrativa audiovisual.

Tabela 2: elementos de análise observados nos casos

Os elementos observados em cada caso analisado possuem incidências distintas. Na tabela 3, as marcações em “x” demonstram a ocorrência desses elementos caso a caso. O critério de edição, nos exemplos em que ocorre, representa tanto as edições de conteúdo (corte e montagem de áudio e imagem) quanto as inserções de texto e gerador de caracteres durante as imagens. A intervenção do repórter durante o vídeo refere-se a entrevistas e narrações feitas diretamente dos acontecimentos. Nos casos em que não ocorre esse tipo de intervenção, as informações são complementadas com textos de apoio ou com narrações posteriores à captação das imagens. As transmissões em tempo real representam os registros filmados e veiculados ao vivo, ou seja, capturados e transmitidos no mesmo instante de ocorrência. Nos casos em que a transmissão não se deu em tempo real, as imagens foram reproduzidas de forma gravada, mas procurando manter uma noção de tempo atual. As transmissões via *streaming* também representam as imagens obtidas ao vivo, só que transmitidas em tempo real via internet. As transmissões que não ocorreram dessa forma reproduzem as imagens gravadas em momento posterior aos registros.

CASOS	EDIÇÃO	INTERVENÇÃO DO REPÓRTER	TEMPO REAL	TRANSMISSÃO VIA STREAMING
<b>Band Repórter Celular</b>		x (narração das imagens)	x	x
<b>Band Protestos</b>	x (inserção de vinheta da emissora)			
<b>Jornal Nacional</b>			x	x
<b>Globonews</b>		x (narração das imagens)	x	x
<b>Rádio Gaúcha</b>	x (corte de áudio e imagens)	x (narração das imagens)		
<b>Vídeo Minuto ZH</b>	x (corte de áudio e imagens)			

<b>O Globo</b>	x (corte de áudio e imagens; inserção de crédito e textos)			
<b>Folha de São Paulo</b>	x (corte de áudio e imagens)			
<b>New York Times</b>	x (corte de áudio e imagens; inserção de créditos)	x (entrevistador)		

Tabela 3: incidência de elementos analisados em cada caso observado

A dificuldade de definição de um formato comum para as narrativas construídas a partir de dispositivos móveis e *smartphones* atenta para o fato de que com essa nova maneira de contar histórias, a variedade de possibilidades a serem exploradas é muito grande e ainda pouco conhecida. Enquanto alguns exemplos buscam manter o formato tradicional de uma narrativa audiovisual, incluindo nesta montagem apenas alguns elementos novos, como a forma de captar as imagens, outros casos buscam reinventar esse processo alterando completamente a maneira usual de relatar uma notícia, até mesmo suprimindo a intervenção do jornalista durante a ocorrência do fato. Por ser uma prática relativamente recente, que só nos últimos anos vem se tornando uma alternativa de registro mais recorrente, a utilização dos dispositivos móveis pelos meios de comunicação não se efetiva em um formato fechado, previamente definido, ficando a cargo de cada veículo, ou mesmo de cada situação a ser reportada, o modo como as histórias serão construídas.

A utilização dos dispositivos móveis para a produção de conteúdo audiovisual não se restringe ao caso das emissoras de televisão que substituem as transmissões tradicionais pelas transmissões em *streaming*. Nos últimos cinco anos, a incorporação das novas tecnologias na rotina jornalística pode ser percebida também nos veículos de comunicação que não têm o meio audiovisual como suporte principal. Ao passo em que os meios de comunicação agregam as plataformas *online* para uma extensão dos conteúdos na internet, rádios e jornais impressos se concentram com cada vez mais frequência na produção de um conteúdo multimídia, explorando, entre outros formatos, o audiovisual.

A contribuição maior que a utilização de dispositivos móveis acrescenta à cobertura jornalística é a mobilidade dos repórteres frente aos acontecimentos.

Portando um celular com acesso à internet e equipado com programas de edição, o jornalista se torna capaz de produzir e veicular informações diretamente do local em que elas acontecem, sem grandes perdas de tempo entre a ocorrência dos fatos e a sua exibição na imprensa. Assim, a facilidade de reportar proporcionada pela tecnologia móvel reforça o compromisso do jornalismo com a instantaneidade na veiculação de informações, tornando a atualização de notícias em tempo real ainda mais urgente.

Além disso, a construção do sentido de ao vivo, inaugurado pela televisão e responsável por aguçar também nos telespectadores a ânsia por novidades mais recentes possível, de forma a se sentirem inseridos no mesmo tempo presente dos assuntos mostrados na tela, conquista novos parâmetros quando reforçados não mais somente pela TV, e sim por todas as tecnologias de caráter online, utilizadas largamente pelos demais meios de comunicação. O acesso à internet, hoje disponível para uma significativa parcela de pessoas, torna ainda mais fácil as conexões em tempo real, tornando mais rápido também o fluxo de informações. Neste aspecto, o jornalismo se vê desafiado a reportar histórias centradas ainda mais na simultaneidade em que elas ocorrem, porque o acesso à informação não se dá mais exclusivamente pela imprensa, podendo qualquer pessoa buscar as notícias que lhe interessam, nos mais diversos formatos e suportes.

Mesmo que as imagens captadas por um telefone celular em muitos casos ainda não sejam utilizadas de forma a inaugurar um novo formato de narrativa audiovisual, essa prática já tende a representar uma grande inovação no processo de produção jornalística. O fato de um repórter poder registrar ele mesmo um acontecimento que presencia e no mesmo instante reportá-lo para as audiências, sem grandes equipamentos e estruturas técnicas de edição e veiculação, demonstram, por si só, a reinvenção de formatos que a apropriação tecnológica pode agregar ao jornalismo. As transmissões por *streaming* e as filmagens captadas via dispositivos móveis talvez ainda não substituam totalmente o modo tradicional das exibições audiovisuais, mas certamente representam uma nova maneira de o jornalismo reforçar o seu compromisso com a instantaneidade e recriar a sua produção de conteúdo.

Ao invés de substituir a televisão, a popularização das plataformas *online* de conteúdo audiovisual tem potencial para promover a produção deste tipo de formato, fazendo com que a informação circule e ganhe visibilidade em mais de um suporte midiático. O caráter multimídia da veiculação de notícias, possibilitado principalmente pela mobilidade dos dispositivos, reflete diretamente na construção das narrativas jornalísticas, que ao misturem as coberturas ao vivo com os recursos de edição, recriam a produção de conteúdos e se ajustam às transformações pelas quais passam os processos de registro, circulação e consumo da informação.

Ainda que os formatos tradicionais sejam majoritários na programação audiovisual, o diferencial neste contexto atual de inovações tecnológicas é a maneira como se dá a captação da informação, modificada principalmente pela utilização dos dispositivos móveis. Mesmo que a qualidade técnica dessas imagens não possa ser equiparada com a qualidade das câmeras tradicionais, o uso das tecnologias digitais móveis, representada aqui essencialmente pelos telefones celulares, permite a construção de formatos que misturam a linguagem tradicional do telejornalismo com as novas maneiras de produzir conteúdo, explorando a multimídia da informação.

## 5 CONCLUSÃO

O desenvolvimento do jornalismo enquanto instituição social muito se deveu às inovações tecnológicas surgidas nos séculos XIII e XIX. Embora o surgimento do jornal date de séculos anteriores, o processo de construção de uma ideia mais concreta de imprensa enquanto distribuidora de informações só se tornou possível a partir do momento em que a introdução de um sentido de tempo passou a fazer parte do contexto social daquela época. O desenvolvimento das máquinas de impressão e do telégrafo bem com o aperfeiçoamento dos sistemas postais e de transportes facilitou para que as notícias pudessem circular com mais facilidade, agregando, mesmo que ainda muito incipientemente, uma noção de periodicidade ao jornalismo, responsável por construir nos leitores e na própria sociedade como um todo a percepção sobre o tempo presente.

Séculos depois, o surgimento de outros meios de comunicação, como o rádio e a televisão, tratou de reforçar o compromisso social do jornalismo com a introdução de novas experiências de instantaneidade e imediaticidade na divulgação das informações. A consagração da televisão como principal veículo de comunicação de uma época, já em meados do século XX, inseriu no contexto social uma presença ainda mais marcante do jornalismo enquanto mediador de acontecimentos, agregando as transmissões ao vivo e inserindo os telespectadores num mesmo tempo presente da ocorrência dos fatos.

Em tempos atuais, em que a expansão da internet e o desenvolvimento de tecnologias móveis são as principais inovações, modificam-se também as relações construídas entre a sociedade e a sua própria compreensão sobre o tempo e o acesso à informação. Inserido neste contexto, o jornalismo mais uma vez percebe a necessidade de se reinventar e criar novas formas de estabelecer a produção e a veiculação de conteúdos. Assim, as mudanças na rotina de produção jornalística, como a criação de um conceito de jornalismo móvel, surgem tanto com o intuito de incorporar a tecnologia ao fazer jornalístico quanto com a finalidade de acelerar os processos de produção da notícia.

O desenvolvimento da internet sem fio e dos dispositivos móveis, especialmente dos *smartphones*, acarretou na inclusão destas novas tecnologias na rotina de trabalho dos jornalistas, inaugurando uma nova concepção tanto de captura de registros, quanto de utilização dos formatos tradicionais, sobretudo do conteúdo audiovisual. Todas essas facilidades permitem que, hoje, os repórteres transmitam eventos diretamente de onde eles ocorrem, sem grandes aparatos técnicos e numa velocidade antes inviável. Além de uma maior liberdade para fazer registros de qualquer lugar e com poucos recursos, surgem também outras maneiras de pensar a construção e a circulação das narrativas jornalísticas.

Diante deste cenário atual, buscou-se analisar de que forma a difusão das tecnologias móveis e das novas narrativas interfere nos processos tradicionais do jornalismo. Foram escolhidos nove casos da utilização destes dispositivos em veículos de comunicação diversos, todos da grande imprensa, onde se procurou verificar os processos de edição, intervenção do repórter enquanto narrador e entrevistador, veiculação em tempo real e formato das narrativas. Também se procurou observar se a qualidade técnica interfere na construção da informação e analisar se a cobertura via dispositivos móveis se adapta melhor a determinados tipos de eventos.

Os casos examinados neste trabalho permitiram observar que a inclusão dos dispositivos móveis na produção jornalística é cada vez mais recorrente nos meios de comunicação. Embora ainda não se possa falar de um formato comum a todos os conteúdos criados a partir dessas tecnologias, aspectos demonstram que as narrativas que surgem com essa nova prática se inserem no jornalismo como uma alternativa viável para coberturas que se atém cada vez mais ao tempo real.

Dentre esses aspectos, a baixa qualidade técnica de vídeo e áudio observada demonstra não interferir na informação em si a ser veiculada. Mesmo que na maioria dos casos fique nítido que as imagens foram capturadas por equipamentos que limitam as qualidades audiovisuais, como os telefones celulares, não existem elementos técnicos que impeçam a compreensão do conteúdo das narrativas. A velocidade com que as audiências e a sociedade como um todo consomem informações atualmente prioriza antes a instantaneidade da veiculação dos fatos que a riqueza de detalhes e a edição com grandes efeitos das imagens transmitidas.

Da mesma forma, as lacunas que surgem com a ausência da intervenção dos repórteres em muitas dessas narrativas, no caso daquelas em que as imagens por si só mais mostram que informam, são facilmente suprimidas com a possibilidade de se incluir num mesmo produto audiovisual vários outros suportes que complementem a informação, como os textos de apoio, as legendas e as descrições. Esse novo formato de construir a narrativa jornalística reforça o sentido de multimidiabilidade explorado pela internet, fazendo com que os conteúdos não sejam mais pensados em cima de um único suporte, onde texto, áudio e imagem conversam num sentido de unidade para passar uma informação completa.

A análise também permitiu observar que o uso dos dispositivos móveis se adapta a determinados tipos de coberturas. Em eventos em que o relato do repórter se dá em caráter de flagrante, reportar por meio de um *smarthphone* se torna muito mais fácil para capturar registros e repassar as informações com pouco deslocamento de tempo entre a ocorrência e a veiculação das mesmas. Os dispositivos móveis viabilizam também as coberturas em que o acesso com grandes equipamentos de filmagem é difícil, como é o caso das manifestações populares e dos protestos, em que a mobilidade do repórter é essencial para narrar o que acontece diretamente das ruas.

Cada vez mais recorrentes no jornalismo, e não restritas a um único meio de comunicação, como a TV, as narrativas audiovisuais construídas a partir do uso de dispositivos móveis representam uma inovação no modo de relatar eventos e de incluir a tecnologia na rotina de produção da atividade jornalística. Entretanto, cabe destacar que essa não se trata de uma prática exclusiva do jornalismo enquanto veículo de informação, podendo-se observar a sua ocorrência em outros diversos segmentos sociais que utilizam a rede e a tecnologia móvel para contar histórias do cotidiano, e que não foram contemplados neste trabalho. Assim como o jornalismo de caráter móvel, esses coletivos buscam construir relatos a partir da utilização de dispositivos, realizando transmissões diretamente do local de ocorrência dos fatos. Por se tratar de uma prática que reflete uma realidade contemporânea de sociedade conectada à rede, atenta-se para a necessidade de estudos futuros também sobre essas produções, a fim de verificar de que forma as narrativas independentes incorporam, e se incorporam, aspectos tradicionais do jornalismo.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. *Manual de Telejornalismo: os segredos da notícia na TV*, Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. *Manual de Radiojornalismo: Produção, Ética e Internet*, Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- BARBOSA, Marialva Carlos. *Imaginação Televisual e os primórdios da TV no Brasil*. In: GOULART, Ana Paula; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco. *História da Televisão no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 15-35.
- BISTANE, Luciana & BACELLAR, Luciane. *Jornalismo de TV*, São Paulo: Contexto, 2005.
- BOLDÓS, Concha Edo. *El language periodístico en la red: del texto al hipertexto y Del multimedia al hypermedia*. Disponível em:  
 <[http://pendientedemigracion.ucm.es/info/emp/Numer\\_07/7-4-Comu/7-4-02.htm](http://pendientedemigracion.ucm.es/info/emp/Numer_07/7-4-Comu/7-4-02.htm)>. Acesso em 15.03.2014.
- BRASIL, Antônio Cláudio. *Telejornalismo, internet e guerrilha tecnológica*. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2002.
- CALADO, Karolina de Almeida. *Narrativas jornalísticas em dispositivos móveis: apropriações da colaboração de usuários para o desenvolvimento do jornalismo hiperlocal no perfil JC Trânsito*. In: XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – INTERCOM, 2013, Mossoró - RN. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nordeste2013/resumos/R37-1104-1.pdf>>. Acesso em: 10.03.2014
- CAVENAGHI, Beatriz; EMERIM, Cárlica. *Cobertura ao vivo em telejornalismo: propostas conceituais*. In: 10º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). Curitiba, 2012. Disponível em <<http://soac.bce.unb.br/index.php/ENPJor/XENPJOR/paper/viewFile/1699/296>>. Acesso em 08.03.2014.
- ERBOLATO, Mário L. *Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- FECHINE, Yvana. *Tendências, usos e efeitos da transmissão direta no telejornal*. In: DUARTE, Elizabeth Bastos. *Televisão: entre o mercado e a academia*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006, p. 139-154.
- FECHINE, Yvana. *Televisão e presença*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008.
- FRANCISCATO, Carlos Eduardo. *A Fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais*. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2005.
- KLÖCKNER, Luciano. *A edição radiofônica no Brasil: aspectos históricos e técnicos*. In: FELIPPI, Angela; SOSTER, Demétrio de Azeredo; PICCININ, Fabiana. *Edição em Jornalismo: Ensino, teoria e prática*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

- MACHADO, Arlindo. *A televisão levada a sério*. São Paulo: Senac, 2000.
- MACHADO, Elias; PALACIOS, M. *Um modelo híbrido de pesquisa: a metodologia aplicada ao GJOL*. In: BENETTI, Márcia; LAGO, Cláudia. (Orgs.). *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. 1ªed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 199-222.
- MATTOS, Sérgio. *História da Televisão Brasileira*. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.
- MORETZSOHN, Sylvia. *Jornalismo em tempo real*. Rio de Janeiro: Revan, 2002.
- RAMONET, Ignacio. *A Tirania da Comunicação*. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. *O Acontecimento*. In: TRAQUINA, Nelson (org). *Jornalismo: questões, teorias e estórias*. Lisboa: Vega, 1993. p. 27-33
- SILVA, Fernando Firmino da. *Jornalismo Reconfigurado: tecnologias móveis e conexões sem fio na reportagem de campo*. In: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2008, Natal - RN. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0652-1.pdf>>. Acesso em 10.03.2014.
- SOUSA, Jorge Pedro. *Uma história breve do jornalismo no Ocidente*. In SOUSA, Jorge Pedro (Org.). *Jornalismo: História, Teoria e Metodologia*. Perspectivas Luso-Brasileiras. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2008. p. 12-93. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-breve-do-jornalismo-no-ocidente.pdf>
- TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo*. Lisboa: Quimera, 2002
- TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo: por que as notícias são como são*. V. 1. Florianópolis: Insular, 2004
- TRIVIÑOS, Augusto N.S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. 1.ed. São Paulo: Atlas, 1987.

#### Vídeos:

- Band Repórter Celular. Disponível em: <http://tvuol.uol.com.br/video/band-reporter-celular-avenida-paulista-04024D9A3162C4813326>; Acesso em: 21 abr. 2014.
- Behind the scenes of covering Boston*. Disponível em: <http://www.nytimes.com/video/us/100000002194615/behind-the-scenes-of-covering-boston.html?playlistId=100000002173381>; Acesso em 22 abr. 2014.
- Confira o deslocamento do Grêmio até a Arena. Disponível em: <http://videos.clicrbs.com.br/rs/gaucha/video/radio-gaucha/2014/04/confira-deslocamento-gremio-ate-arena-10-04-2014/72851/>; Acesso em 20 abr. 2014.
- Confrontos em desocupação da Favela da Oi. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/videos/t/todos-os-videos/v/confrontos-em-desocupacao-da-favela-da-oi/3275045/>; Acesso em 21 abr. 2014.

Grupo de garis em greve faz protesto por aumento de salário no Rio. Disponível em: <http://globo.com/globo-news/jornal-globo-news/v/grupo-de-garis-em-greve-faz-protesto-por-aumento-de-salario-no-rio/3197636/>; Acesso em 20 abr. 2014.

Manifestantes protestam na Avenida Paulista - Disponível em: <http://tv.uol.com.br/video/manifestantes-protestam-na-avenida-paulista-04020D1C3168D8A94326/>; Acesso em: 21 abr. 2014.

Milhares de pessoas participam de protesto no Centro do Rio. Disponível em: <http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/milhares-de-pessoas-participam-de-protesto-no-centro-do-rio/2873506/>; Acesso em 20 abr. 2014.

TV Folha. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=QtH7Dw-M1n0>; Acesso em 22 abr. 2014

Vídeo minuto ZH. Disponível em: <http://videos.clicrbs.com.br/rs/zerohora/video/video-minuto/2014/04/vazamento-hidrante-centro-porto-alegre/72713/>; Acesso em: 21 abr. 2014.

*Witnesses to Chaos at Boston Marathon.* Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=QtH7Dw-M1n0>; Acesso em 22 abr. 2014